



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Alessandra Rodrigues de Moraes

**Literatura de autoria negra: caminhos para uma educação
antirracista em turmas do Ensino Fundamental II**

São Gonçalo

2024

Alessandra Rodrigues de Moraes

**Literatura de autoria negra: caminhos para uma educação antirracista em
turmas do Ensino Fundamental II**



Dissertação apresentada, como
requisito parcial para obtenção do
título de Mestre, ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras da
Universidade do Estado do Rio de
Janeiro.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Betânia Almeida Pereira

São Gonçalo

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

M828
TESE

Moraes, Alessandra Rodrigues.

Literatura de autoria negra: caminhos para uma educação antirracista em turmas do Ensino Fundamental II / Alessandra Rodrigues de Moraes. – 2024.
110f.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Betânia Almeida Pereira.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Racismo na educação – Teses. 2. Escritores negros – Teses. 3. Negros na literatura – Teses 4. Antirracismo - Teses. I. Pereira, Maria Betânia Almeida. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB7 – 5190

CDU 37.035.1

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Alessandra Rodrigues de Moraes

Literatura de autoria negra: caminhos para uma educação antirracista em turmas do Ensino Fundamental II

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 26 de agosto de 2024.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Maria Betânia Almeida Pereira (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Maria Isaura Rodrigues Pinto
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Aira Suzana Ribeiro Martins
Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica -
Colégio Pedro II

São Gonçalo
2024

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, meu amado filho Abraão, aos meus ancestrais, sobretudo, todos os Rodrigues e Moraes, que iniciam comigo mais um avanço na vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço em primeiro lugar e sobre todas as coisas a Deus, também estendo meu agradecimento aos meus pais; meus avôs (in memorian); meus tios Nurimar (in memorian), Nei (in memorian) e Sérgio que sempre me incentivaram a estudar, a Tia Leila parceira em todos os momentos, ao meu irmão Marcus e meus primos que sempre acreditaram em mim, a todos meus amigos, em particular, Luiz Antônio, Rodriguinho, Pricilla Pacheco, Cris, Roberta Alves, Suelen Monteiro, Giselle Lima, Dayane Archanjo, Priscila Souza, Ana Cláudia Silva, Viviane Sant' Anna, Claudinha, Fernanda Pessoa, Isabelle Lins, Cinthia Muniz, Léo, Virgínia, Malu e Bruna que me deram força, compreenderam minhas ausências e me acolheram nos momentos de desespero, a todos os amigos do Colégio Estadual Melchíades Picanço pela força e incentivo, mas em especial ao meu amigo e diretor Aauto Tavares pela parceria, credibilidade e confiança; as professoras Bernadete Rocha, Simone Bacellar e Maria Isaura pela motivação e apoio durante esses anos. E, por fim, aos meus três pilares durante todo esse processo: Abraão – meu filho amado - que compreendeu, apoiou, vibrou e acreditou; a minha mãe, que não me deixou perder a fé e a professora Maria Betânia, que me orienta, mas sobretudo, motiva, divide, compartilha, confia, acredita e com muita sabedoria e paciência me acompanha por mais de seis anos.

Que a leitura provoque afeto e nos inspire a construir, no cotidiano, a justiça, a igualdade e a generosidade que nos permita ser.

Bianca Santana

RESUMO

MORAES, Alessandra Rodrigues. *Literatura de autoria negra*: caminhos para uma educação antirracista em turmas do Ensino Fundamental II. 2024. 110f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

Com intuito de encontrar caminhos para uma educação antirracista, este trabalho tem por objetivo geral refletir sobre a relevância da literatura de autoria negra, na formação do aluno com vistas ao exercício da sua cidadania. Nesse sentido, consideramos um problema de ordem social, que é o racismo e por isso desenvolvemos uma pesquisa-ação, almejando produzir conhecimentos como instrumentos de mudança. Diante disso, construímos propostas de atividades, visando possibilitar uma conversa sobre afro-brasilidade com os discentes dos anos finais do Ensino Fundamental. Dessa forma, tomamos como base a lei 10.639/2003, que introduziu o ensino de História, Cultura e Literatura Afro-brasileira na Educação Básica. Ao escolhermos a produção literária de e com histórias que apresentam personagens negros como protagonistas, não só intentamos dar visibilidade às obras e os escritores, como também oportunizar uma conversa sobre a estética negra na construção da identidade e com isso criar possibilidades para reconstruir a imagem do negro de uma maneira positiva. Como aporte teórico desse estudo, contamos com as discussões tecidas acerca de identidade trazidas por Kabengele Munanga (2019), Nilma Lino Gomes (2017) e Stuart Hall (2004). Ademais, compreendendo a linguagem enquanto fenômeno social, nos sustentamos na concepção bakhtiniana de linguagem e para conduzir a prática pedagógica tomamos como suporte a sequência didática expandida de Rildo Cosson (2007). Sendo assim, almejamos não só levar os discentes a refletirem sobre a importância dos negros que vieram para o Brasil para serem escravizados e que muito contribuíram para construção do país, mas também instigar professores a trabalhar essa temática na Educação Básica.

Palavras-chave: educação antirracista; afro-brasilidade; racismo; literatura.

ABSTRACT

MORAES, Alessandra Rodrigues. *Literature by black authors: paths to anti-racist education in Elementary School II classes*. 2024. 110f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

With the intention to find paths to anti-racist education, the main goal of this study is reflect about the black literature relevance in student formation aim at citizenship excercises. In that regard, we will consider a social problem, with is a racismo, therefore, we will develop an research-action, aiming for knowledge as instruments of chang. Knowing this, we wil build activities proposes to enable a dialog about an afro- brasilian culture with students of elementary school in final series. So, we will take the law 10.639/2003 as basis, that introduced the teaching of History, Culture and Afro-Brazilian Literature in Basic Education. When we choose the literary prodution of afro-brasilian writers, withy stories about black protagonist personage, we intention were given visibility to works and writers as well oportunize a dialog about the black aesthetic in the construction of identity and therewith creating possibilities to reconstruct a positive image of black people. As teoretical bases of this study, we will tell with discussions about the identity carry by por Kabengele Munanga (2019), Nilma Lino Gomes (2017) e Stuart Hall (2004). Furthermore, understanding language as a social phenomenon, this study will be suported by Bakhtinian conception of language and the pedagogical pratice will be suporte by expanded didactic sequence by Rildo Cosson (2007). Thus, no only do we encourage students to reflect on the importance of black people who came to Brazil to be enslaved and who greatly contributed to the construction of the country, but we also encourage teachers to work on this topic in Basic Education.

Keywords: anti-racist education; afro-brazilian; racism; literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Oficina 1	32
Quadro 2 –	Oficinas 2,3 e 4	33
Quadro 3 -	Oficina 6	33
Quadro 4 –	Oficinas 5,7 e culminância.....	34
Figura 1 –	Muro do Colégio Estadual Melchíades Picanço	35
Figura 2 –	Porta da sala do laboratório de relações étnico-raciais e de gênero	37
Quadro 5 –	Sequência didática	39
Figura 3 –	Termo de consentimento livre e esclarecido	49
Figura 4 –	Oficina 1 – Tecendo Afro-brasilidades	52
Figura 5 –	Oficina 1 – Tecendo Afro-brasilidade	53
Figura 6 –	Conversa com a escritora Sônia Rosa – Parte I	53
Figura 7 –	Conversa com a escritora Sônia Rosa – Parte II	54
Figura 8 –	Oficina 2 – A importância da mulher negra	54
Figura 9 –	Visita à UERJ – FFP com a turma 802	55
Figura 10 –	Visita à UERJ – FFP com a turma 801	55
Figura 11 –	Visita à UERJ – FFP com a turma 801	55
Figura 12 –	Cordelteca UERJ – FFP	56
Figura 13 –	Atividades na Cordelteca UERJ-FFP	56
Figura 14 –	Coordelteca UERJ/FFP	56
Figura 15 –	Turma 801 assistindo à série: Collin em Preto e Branco	57
Figura 16 –	Fim das oficinas com a turma 802	57
Figura 17 –	Apresentação da Peça Teatral no Evento “A África está em nós”	57
Figura 18 –	A Princesa Bela sendo acordada pelo Príncipe Jorge	58
Figura 19 –	Alunos da turma 801 no fim da apresentação	58
Figura 20 –	Alunos da turma 801 no fim da apresentação	58
Figura 21 –	Oficina 1 – Mediada pelo professor de história Adauto	

Tavares	64
Figura 22 – Oficina 5 com a turma 3001	64
Figura 23 – Oficina 5 com a turma 3002	65
Figura 24 – Construção da capa do livro, no refeitório da escola	65
Figura 25 – Capa do livro	66
Figura 26 – O livro	66
Figura 27 – Folder de chamada do evento	67
Figura 28 – O evento “A África está em nós”	67
Figura 29 – Oficina de turbante	67
Figura 30 – Oficina de Yoga Kemetico	68
Figura 31 – Apresentação de capoeira	68
Figura 32 – Conversa sobre o conto “Fios de Ouro”, de Conceição Evaristo	68
Figura 33 – O evento “A África está em nós 2”	70
Figura 34 – Roda de conversa com os alunos	70
Figura 35 – Apoio da direção da unidade	71
Figura 36 – Conversa com a equipe do laboratório	71
Figura 37 – O evento aconteceu no refeitório da escola	72
Figura 38 – Apresentação de capoeira	72
Quadro 6 - Programação do evento “A África está em nós” III	74
Figura 39 – Primeira reunião para o evento “A África está em nós III”	75
Figura 40 – Folder de chamada do evento criado pela professora Dayane	75
Figura 41 – Mural feito pelos alunos e professores do CEMP	76
Figura 42 – Organizadores do “A África está em nós III”	76
Figura 43 – Bolsista Isabele, palestrante Juliana, professoras Maria Betânia e Alessandra	76
Figura 44 – Equipe CEMP na palestra com a Professora Juliana	77
Figura 45 – Refeitório da Escola	77
Figura 46 – Professora Alessandra, palestrante Joyce, aluna Júlia e o diretor Adauto	77

Figura 47 – Professores Mário, Maria Betânia e Alessandra; Bolsistas Isabele e Carlos com equipe CEMP	78
Figura 48 – Refeitório da escola	78
Figura 49 – Equipe CEMP Mestre de bateria da Viradouro	78
Figura 50 – Apresentação de dança das alunas	79
Figura 51 – Apresentação de poesias	79
Figura 52 – Apresentação do professor Walmir	79
Figura 53 – Professoras do CEMP e ex-alunos	80
Figura 54 – Roda de Conversa com Jenifer	80
Figura 55 – Professoras Cláudia, Dayane, Fernanda e Alessandra	81
Figura 56 – Podcast com a professora Alessandra e alunos do CEMP	81
Figura 57 – Podcast com a professora Dayane e alunos do CEMP	82
Figura 58 – Alunos e professores no refeitório da escola	82
Figura 59 – Atividades do evento no turno da noite	83
Figura 60 – Professoras Roberta Alves, Dayane Couto, Luciene, do CEMP e Professora Simone UERJ/FFP.....	83
Figura 61 – Desfile dos alunos do CEMP	84
Figura 62 - Apresentação Teatral dos alunos do 8 ano	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEF	Caixa econômica Federal
CEMP	Colégio Estadual Melchíades Picanço
FFP/UERJ	Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PIBID	Programa de Iniciação à Docência
PPP	Político Pedagógico da escola
PROFLETRAS	Mestrado Profissional em Letras
SEEDUC/RJ	Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	REFERENCIAL TEÓRICO	18
1.1	A estética negra, identidade e a educação	24
2	METODOLOGIA	29
2.1	Contexto da Pesquisa	34
2.2	Proposta de intervenção	38
2.3	Aplicação da proposta de intervenção e resultados obtidos	48
2.4	O evento “A África está em nós”: costuras entre formações e a trajetória de uma educadora antirracista	59
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS	88
	ANEXO A - Capa do livro A Bela Adormecida do Samba, Sônia Rosa	92
	ANEXO B - Capa do livro Heroínas Negras, Jarid Arraes	93
	ANEXO C – Capa do livro Machado Afrodescendente, Eduardo de Assis Duarte	94
	ANEXO D – Capa do livro Quando me descobri negra, Bianca Santana	95
	ANEXO E - Letra da música da oficina 7	96
	ANEXO F – Texto Pai contra mãe, Machado de Assis	100

INTRODUÇÃO

Eu sou uma mulher negra e apesar de nunca ter tido dúvidas acerca de minha negritude, durante toda minha trajetória passei por muitas situações conflituosas relacionadas às questões raciais. Acredito que pode ser por isso, que me tornei uma professora inquieta e muito questionadora.

Nesse sentido, desde do ano 2018, quando iniciei o curso de Especialização em Educação Básica na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ e tive acesso a leituras que possibilitaram a reflexão acerca de práticas de uma educação antirracista, venho pesquisando e tentando encontrar possibilidades para implementar a Lei 10.639/2003, que inseriu o ensino de História, Cultura, Literatura Afro-Brasileiras na Educação Básica e alterou os artigos 26,26-A e 79-B da Lei 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases – LDB.

Dessa forma, a partir da minha prática docente, observando a realidade do Colégio Estadual Melchíades Picanço - CEMP e, por meio do diálogo com a UERJ, é que fui me informando e me tornando uma educadora antirracista. Assim, todo aporte teórico, atividades, textos, vídeos e obras que fomentam essa pesquisa, foram adquiridos e selecionados ao longo desses anos, na especialização e no mestrado, com o apoio da minha orientadora.

Convém ressaltar, que a motivação e a construção das atividades da proposta de intervenção desse estudo, foram suscitadas durante as reuniões do Laboratório de relações étnico-raciais e de gênero, da unidade escolar, quando buscávamos caminhos para refletir sobre afro-brasilidade com os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental; e ao longo das discussões da disciplina Literatura Infantil e Juvenil, ministrada pelas professoras Maria Betânia Almeida Pereira e Maria Isaura Rodrigues Pinto, no Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ.

Dentre as várias temáticas que delineavam o curso e que apontavam para a reflexão de uma literatura infantojuvenil na contemporaneidade, tive a oportunidade de conhecer algumas obras da escritora Sônia Rosa. A autora, é mestre em Relações Étnico-Raciais, é professora aposentada do município do Rio de Janeiro, possui mais de cinquenta obras com a temática do protagonismo negro e tem dez

bibliotecas de escolas com seu nome. Vale destacar, que nessa pesquisa, trabalhamos com a obra *A Bela adormecida do Samba*, releitura do clássico *A Bela Adormecida*.

Desse modo, temos como problema de pesquisa a pergunta: A literatura de autoria negra pode contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes com as questões raciais? E como resposta, duas hipóteses. A primeira - a partir do contato com obras de autoria negra, poderemos ampliar o conhecimento acerca das relações que implicam as questões étnico-raciais e a segunda - o contato com livros que contêm personagens negros com imagens positivas, pode ajudar na construção da identidade étnico-racial e de reconhecimento sobre a importância da história e cultura africana.

Ademais, tomando como base uma educação antirracista, o objetivo geral desse estudo é refletir sobre a relevância da literatura de autoria negra, na formação do aluno com vistas ao exercício da sua cidadania, a fim de não só conscientizar os alunos sobre a importância da cultura, da história dos africanos na formação do povo brasileiro, como também instigar professores para desenvolverem atividades sobre a temática em questão.

Para tanto, produzimos uma proposta de intervenção, que tem como objetivos específicos oportunizar a leitura de obras de escritores afro-brasileiros; auxiliar a elevação da autoestima de alunos e na representação positiva de suas imagens; possibilitar a problematização de textos literários; ampliar a competência linguística dos alunos; fomentar o senso crítico dos discentes e com isso estimular práticas antirracistas.

Nessa perspectiva, desenvolvemos uma pesquisa-ação porque observando o contexto escolar, é notável que há um problema de ordem social, que é o racismo, por isso buscamos nesse processo, com a ajuda dos colaboradores, produzir conhecimentos que possam funcionar como instrumentos de mudanças relacionadas às questões étnico-raciais na construção do cidadão. Dessa forma, contaremos com Freire que afirma:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que - fazeres e encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (Freire, 2006, p.9)

Desse modo, construímos oficinas para motivar um diálogo sobre afro-brasilidade com as duas turmas de oitavo ano, respectivamente, 801 e 802, do Colégio Estadual Melchíades Picanço e com isso desejamos que alunos e professores reflitam acerca da relevância da cultura e da história africana na formação da sociedade brasileira.

Ao nos apoiarmos na lei 10.639/2003, como base para essa pesquisa, compreendemos que não estamos falando de oportunidade, e sim dos direitos garantidos aos discentes de terem acesso à cultura e à história afro-brasileira. Então, contamos com a Literatura – disciplina que integra a lei - para estimular esse debate.

Para tanto, com intuito de estimular um diálogo sobre afro-brasilidade, contamos não só como a perspectiva bakhtiniana, que entende a linguagem enquanto fenômeno social, mas também as reflexões sobre língua, texto, leitura e produção de sentidos de Koch e Elias, a fim de motivar os discentes a construírem as suas possíveis leituras.

Como aporte teórico para condução da prática pedagógica, nos baseamos na sequência didática expandida da obra *Letramento Literário*, de Rildo Cosson (2007, p.76), que propõe atividades de leitura, que deixam “mais evidente as articulações que propomos entre experiência, saber e educação literários inscritos no horizonte desse letramento na escola”. É importante ressaltar, que faremos uma adaptação de acordo com a realidade das turmas e da escola.

Para construção das oficinas contamos com as reflexões sobre letramento, propostas por Roxane Rojo (2009, p.11) ao apontar que “o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrindo contextos sociais diversos”.

Outrossim, objetivando por meio da literatura de autoria negra promover uma reflexão mais crítica relacionada às questões étnico-raciais, nos sustentamos no termo “letramento racial”, que busca através das práticas pedagógicas de leitura de obras de autoria negra, desconstruir pensamentos e atitudes normalizadas na sociedade em relação aos negros.

Assim, para fundamentar a prática pedagógica contamos a discussão sobre letramento racial tecida pela socióloga e mestre em Linguística Neide Almeida (2017, p.1) que reitera a importância de “darmos voz à nossa história e legitimamos os

espaços para as “letras pretas” que estão hoje nas escolas, nas universidades, nas livrarias, nos diversos espaços culturais nas periferias, nos saraus nos festivais de livros e de literatura.”

Nesse sentido, quando damos voz à história do povo negro, promovemos reencontros com a África primordial esquecida, silenciada, ocultada dos livros didáticos. Então, em conformidade com Chimamanda Ngozi Adichie (2019), acreditamos que “muitas histórias importam” e por isso contamos com as considerações apresentadas na obra *Perigo de uma história única* em que a escritora nigeriana afirma:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também pode empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. [...] Eu gostaria de terminar com esta ideia: quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso. (Adichie, 2019, p. 32)

Para fins desse estudo, além de levarmos para o chão da escola o livro, *A bela adormecida do Samba*, da escritora Sônia Rosa, levaremos o livro *Heroínas Negras Brasileiras*, em 15 cordéis, de Jarid Arraes e o conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, a fim de dar visibilidade às obras dos escritores e com isso tensionar base epistemológica acadêmica eurocentrada, que sempre silenciou e ocultou os escritores afro-brasileiros.

Ao trazermos a temática afro-brasileira nas obras escolhidas na proposta de intervenção desse estudo, de acordo com o prefácio escrito por Marisa Majolo, *da A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens*, de Eliane de Deus (2017), compreendemos:

Com a criação da Lei n. 10.639/2003, a história da África e da cultura afro-brasileira foi incluída no currículo da Educação Básica, o que multiplicou a publicação de livros voltados para questões étnico- racias. Acredita-se que leitura e discussão de livros que tragam histórias, poemas, crônicas, peças de teatro favoreçam – e favorece mesmo – o desenvolvimento, no Brasil, de uma sociedade que, desmontando preconceitos e desconstruindo intolerâncias, assuma sua identidade multi-étnica, orgulhando-se dela. (Majolo, 2017, p.13)

Dessa forma, contamos com o conceito de literatura negra trazido por Eduardo de Assis (2014, p. 29), que alerta que é um conceito “em construção”, mas

que apresenta algumas características que compreendemos ser de grande relevância para esse estudo como a “voz autoral afrodescendente”, “temas afro-brasileiros”, “construções linguísticas” com um “tom”, “ritmo”, “sintaxe e sentido”, e, principalmente o “ponto de vista ou lugar de enunciação” ligado a afrodescendência.

Portanto, almejamos com esse trabalho muito mais que colocar em prática a ação exigida pela lei e, sim trazer reflexões e propostas de atividades que estimulem práticas antirracistas de alunos negros e não negros dentro e fora do ambiente escolar e com isso contribuir para reconstrução, do que for possível, dessa África primordial esquecida, que faz parte de todo povo brasileiro.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico, apresentaremos o aporte teórico que sustenta essa pesquisa. Para fins desse estudo, tomamos como base a lei 10.639/03, que introduziu o ensino de História, Cultura e Literatura Afro-Brasileira na Educação Básica, a fim promover uma conversa sobre afro-brasilidade na sala de aula e com isso refletir com os discentes sobre a relevância da cultura, história, literatura de autoria negra na construção da sociedade brasileira.

Desse modo, as propostas de atividades dessa pesquisa, têm a finalidade de desenvolver a autonomia e senso crítico dos discentes e com isso formar leitores compromissados com as questões sociais, proposta que dialoga bastante com Projeto Político Pedagógico da escola – PPP, do Colégio Estadual Melchíades Picanço.

Para tanto, tomamos como base as considerações do “campo artístico - literário”, da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018, p.156) “Para que a experiência da literatura – da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los”.

Ademais, com intuito de criar um espaço para estabelecer uma conversa sobre afro-brasilidade com os discentes e, entendendo o quanto que a percepção da linguagem como um diálogo pode ajudar o professor propor atividades de leitura, contamos com as contribuições do filósofo russo Mikhael Bakhtin a respeito da linguagem enquanto fenômeno social e dos gêneros dos discursos.

Vale destacar, que apesar de nos apoiarmos na literatura, disciplina que integra a lei, não pretendíamos ficar apenas na superfície do texto. Nesse sentido, a perspectiva bakhtiniana de linguagem nos ajudou a conduzir as atividades de leitura, pois compreendemos que é impossível pensar no texto como algo isolado e com uma construção única de sentidos.

Assim, de acordo com Bakhtin, entendendo que o processo de comunicação é dialógico, ou seja, ideias se entrelaçam, começam a produzir sentidos a percepção da linguagem como um diálogo pode nos ajudar a organizar atividades de leitura.

Dessa forma, também contamos com a discussão tecida por Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias acerca de língua, texto, leitura e a produção de sentidos. Nesse sentido, apoiamos na concepção sociointeracionista da língua, pois:

os sujeitos são vistos como: atores/ construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores. Desse modo, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação. (Kock; Elias, 2021, p.10 e 11).

Nessa perspectiva, compreendemos a importância dos alunos construírem suas possíveis leituras, dialogarem com outros textos, criarem outras possibilidades e usarem seu conhecimento de mundo, ou melhor, seu próprio repertório e ideias, que vão se entrelaçar para produzirem sentidos.

Nesse sentido, ao selecionarmos a obra *A bela adormecida do Samba*, de Sônia Rosa, que é uma releitura de um clássico *A bela adormecida* deixamos em aberto para os alunos dialogarem e construírem as possíveis leituras de Bela, pois baseados em Kock e Elias (2021, p.11), entendemos que a leitura é “uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos.”

Outrossim, acreditando que ao problematizarmos a leitura literária consideramos a relevância da literatura afro-brasileira, termo defendido por Eduardo de Assis Duarte, à literatura brasileira canônica, a fim de não só estimular o pensamento crítico dos discentes, como também a valorização da cultura africana e toda importância dos povos africanos na formação do país.

Ao selecionarmos obras de autoria negra, almejávamos oportunizar uma reflexão sobre como a imagem negativa do negro foi construída historicamente e com isso promover um reencontro com a África Primordial esquecida, ou melhor, ocultada dos livros didáticos. Dessa forma, tomamos como suporte teórico as discussões propostas de Eduardo de Assis Duarte (2014) ao afirmar:

Literatura tem cor? Acreditamos que sim. Porque cor remete a identidade, logo a valores, que, de uma forma ou de outra, se fazem presentes na linguagem que constrói o texto. Neste sentido, a literatura afro-brasileira se afirma como expressão de um lugar discursivo construído pela visão de mundo historicamente identificada à trajetória vivida entre nós por africanos escravizados e seus descendentes. (Assis, 2014, p.11).

Para tanto, embasados nas reflexões de Nilma Lino Gomes (2017, p.77), ao constatar que “o olhar sobre a corporeidade negra poderá nos ajudar a encontrar outros elementos para a compreensão da identidade e de novas dimensões políticas e epistemológicas referentes à questão racial”, utilizamos como suporte a literatura para apresentar a vida e a obra de escritores afro-brasileiros, e sobretudo possibilitar encontro com histórias desconhecidas e muitas vezes marginalizadas, a fim de que os alunos reflitam sobre como foi esse processo de formação da sociedade brasileira propiciou o apagamento e o silenciamento da cultura e história dos negros.

Acreditando que a reflexão a respeito da construção da identidade perpassa pela estética corporal, contamos com as considerações tecidas por Hall (2004, p.109) acerca das identidades e representações ao relacioná-las “com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’.”

Dessa maneira, para refletirmos sobre duas situações importantes que envolvem a estética negra: o racismo recreativo e a importância da mulher negra, nos sustentamos nas importantes reflexões fomentadas Kabengele Munanga, a respeito da identidade negra:

Graças à busca de sua identidade, que funciona como uma terapia do grupo, o negro poderá despojar-se do seu complexo de inferioridade e colocar-se em pé de igualdade com os outros oprimidos, o que é uma condição preliminar para uma luta coletiva. A recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atribuídos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade (Munanga, 2019, p.18)

É importante ressaltar, que uma das vias de construção de identidade africana perpassa pela estética corporal, portanto muitas brincadeiras envolvem a estética negra. Dessa maneira, para compreendermos as situações de racismo recreativo dentro e fora do ambiente escolar, nos apoiamos na discussão tecida por Adilson Moreira:

Piadas que retratam a negritude como um conjunto de características esteticamente desagradáveis e como sinal de inferioridade moral não são os únicos temas do humor brasileiro referente aos negros. Há também aquelas que os retratam como animais ou criminosos. Esses são elementos recorrentes no repertório de humoristas brancos (Moreira, 2020, p.20).

Outra questão que envolve a estética negra está muito ligada ao “universo feminino” e costuma muitas vezes ser relacionado à aceitação dos cabelos crespos e a tonalidade da pele. Por isso, com intuito de conversar sobre a importância da mulher negra e contamos com Joyce Maria Rodrigues (2012), que aponta:

O conflito racial e o sentimento de insatisfação com o seu corpo estão mais presentes no universo feminino, principalmente em relação ao cabelo e à tonalidade de pele, que em nosso país têm significados particulares na classificação racial brasileira devido à miscigenação que, por sua vez, possibilita uma grande flexibilidade e complexidade de classificação de quem é negro ou branco no Brasil. (Rodrigues, 2012, p.63)

Ao trazermos para o debate a importância da mulher negra, nos apoiamos também com o respaldo teórico da obra *Lugar de fala*, que apresenta uma reflexão em torno da palavra “Outro” trazida por Grada Kilomba e que a autora Djamila Ribeiro (2012) retoma:

Para Kilomba, é necessário enfrentar essa falta, esse vácuo, que não enxerga a mulher negra numa categoria de análise. Kilomba sofisticou a percepção sobre a categoria do Outro, quando afirma que mulheres negras, por serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade suprematista branca, uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade (Ribeiro, 2019, p.38).

Além disso, vale destacar, que ao trazermos uma pauta de grande relevância social – o racismo – para refletir na sala de aula com os discentes, entendemos que não poderíamos deixar de falar com os alunos a respeito do nosso maior literato negro, Machado de Assis. Assim, objetivando pensar sobre a presença do negro na literatura brasileira, apresentamos o escritor Machado de Assis, fundador da Academia Brasileira de Letras – ABL.

Ao trazermos Machado - escritor que faz parte do cânone e que teve sua afrodescendência ocultada, negada, silenciada por muitos anos – objetivávamos destacar a postura do escritor diante das questões sociais de seu tempo. Nesse sentido, nos apoiamos nas considerações de Assis Duarte (2009), na obra *Machado Afrodescendente* que enfatiza a militância do escritor:

Além disso, é preciso destacar que o autor, mesmo sem assumir uma militância abolicionista explícita, a exemplo dos líderes do movimento, empenhou-se a seu modo na luta pela abolição, não apenas como colunista e colaborador ativo, mas também como acionista da Gazeta de Notícias – um dos jornais de maior circulação na Corte -, cujas posições eram

francamente contrárias à escravidão, conforme atesta Magalhães Júnior (1957). (Duarte, 2009, p. 10).

Ademais, com a finalidade de tornar o processo de letramento mais autônomo e crítico, tendo em vista a construção do cidadão, para conduzir as práticas pedagógicas desse estudo, nos apoiamos na obra *Letramento Múltiplos, escola e Inclusão Social*, de Roxane Rojo e nas reflexões sobre letramento racial trazidas pela socióloga Neide Almeida (2017).

Dessa forma, quando pensamos sobre a formação do cidadão tomamos como referência a discussão tecida por Rojo (2009), sobre as práticas de letramento por ser tratar de práticas sociais que envolvem leitura e escrita:

As práticas sociais de letramento que exercemos nos diferentes contextos de nossas vidas vão constituindo nossos níveis de alfabetismo ou de desenvolvimento de leitura e de escrita; dentre elas, as práticas escolares.(...) O termo *letramento* busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrendo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola, etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (Rojo, 2009, p.11)

Desse modo, pensando em propostas de atividades que busquem caminhos para uma educação antirracista, nos respaldamos no conceito de letramento racial apresentado pela socióloga Neide Almeida (2017), que visa através da leitura desconstruir pensamentos, ações relacionadas às questões-étnico raciais e por isso destaca a relevância de darmos “voz à nossa história” e espaço para literatura de autoria negra:

Assim, damos voz à nossa história e legitimamos os espaços para as “letras pretas” que estão hoje nas escolas, nas universidades, nas livrarias, nos diversos espaços culturais nas periferias, nos saraus nos festivais e livros e de literatura. Nossas “poéticas de corpo e de liberdade” têm como principais interlocutores crianças, jovens, homens e mulheres negras, mas se destinam a todos os leitores e leitoras, porque combater o racismo é um desafio para todos nós, negro e não negros. (Almeida, 2017).

Nessa perspectiva, objetivando alcançar alunos negros e não negros, refletimos acerca dos privilégios da branquitude nas situações de racismo do cotidiano, intentando possibilitar a compreensão de que não se trata um “debate individual”, mas sim “estrutural” e com isso contribuir para formação de cidadãos

antirracistas. Então, para respaldar essa reflexão contamos com o *Pequeno Manual Antirracista*, de Djamila Ribeiro:

Pessoas brancas, por exemplo, devem questionar por que em um restaurante, muitas vezes, as únicas pessoas negras presentes estão servindo mesas, ou se já foram consideradas suspeitas pela polícia por causa de sua cor. [...] devemos lembrar que este não é um debate individual, mas estrutural: a posição social do privilégio vem marcada pela violência, mesmo que determinado sujeito não seja deliberadamente violento. Para tanto, pretendemos promover um debate sobre como é colocar-se no lugar do outro, a fim levá-los a se posicionarem diante dessa questão que permeia as nossas relações e faz parte do nosso cotidiano (Ribeiro, 2019, p. 33).

Convém lembrar, que por se tratar de atividades que foram adaptadas de acordo com as demandas da turma, trabalhamos com a literatura de cordel - gênero textual sugerido para ser trabalhado com o oitavo ano - no terceiro bimestre, conforme propõe o Currículo Mínimo da Rede de Ensino do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Para tanto, tomamos como suporte a proposta de literatura de cordel no cotidiano escolar, de Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro (2012, p.128) que propõe:

Experiências culturais fortes e determinantes de grandes obras artísticas como o cordel – seu valor não está apenas nisto – estão praticamente esquecidas e a escola pode ser um espaço de divulgação destas experiências, sobretudo mostrando o que nelas há de vivo, de efervescente, como ela vem sobrevivendo e adaptando-se aos novos contextos socioculturais. Como elas têm resistido em meio ao rolo compressor da cultura de massa (Marinho; Pinheiro, 2012, p.128).

Ao escolhermos o livro *Heroínas Negras em 15 cordéis*, da escritora Jarid Arraes, desejamos não só propiciar essa experiência cultural forte como enfatizam Marinho e Pinheiro, mas também promover uma experiência literária com uma escritora negra que conta de histórias de mulheres negras importantes para a história do país.

Compreendendo que o processo de letramento propõe novas possibilidades no processo de leitura e escrita e com intuito de valorizar mulheres que foram importantes para construção do país, trazemos para suporte do nosso estudo a obra *Perigo de uma História única*, em que a escritora Chimamanda (2019, p. 26), enfatiza que “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos

não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.”

Como almejamos, sobretudo, planejar as atividades de leitura na direção do progresso do leitor, optamos em tomar como referência a sequência expandida do livro *Letramento Literário*, de Rildo Cosson (2007, p. 76) que “vem deixar mais evidente as articulações que propomos entre experiência, saber e educação literários inscritos no horizonte desse letramento na escola.” Nesse sentido, a sequência expandida é dividida em sete tópicos:

- **motivação** é o momento de preparar a o aluno para entrar no texto;
- **introdução** consiste em apresentar a obra a que vai ser lida;
- **leitura** é o momento de ler o texto;
- **primeira interpretação** visa levar o discente fazer uma compreensão geral da obra;
- **contextualização** busca contextualizar a obra em relação a: teoria, história, estilística, poética, crítica literária, temática e a intitulada presentificadora - visa relacionar a obra com o presente - a fim de mostrar a sua atualidade;
- **segunda interpretação** consiste na leitura do texto de maneira mais profunda e a baseada nos enfoques apresentados na contextualização;
- **expansão** é o momento “ultrapassar os limites” da obra lida e fazer relações com outros textos.

Vale ressaltar, que apesar de ter como base a sequência didática proposta por Rildo Cosson, para conduzir a prática pedagógica da proposta de intervenção, desenvolvemos as atividades de maneira adaptada de acordo com as demandas apresentadas pelas turmas. Sendo assim, adiante, na metodologia, especificamente no item 3.2 desse estudo, voltaremos à questão de maneira mais detalhada.

1.1 A estética negra, identidade e a educação

Nesse tópico, pretendemos tecer comentários sobre a importância de refletir acerca da estética negra e a construção da identidade com discentes dos anos finais do Ensino Fundamental. Então, para iniciar essa conversa nos sustentamos no artigo 3 da Lei de Diretrizes e Bases – LDB, acerca de que a finalidade da educação

é o “pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania”.

Desse modo, reiteramos o compromisso do professor de Língua Portuguesa para o desenvolvimento pleno e formação de um cidadão. Assim, destacamos o fato que o professor é um profissional que propicia as pessoas a terem acesso a instrumentos como a leitura e escrita, forma cidadãos, ajuda as pessoas a entenderem o mundo que as cercam, ou melhor, possibilita o cumprimento de exigências das relações inerentes à vida em sociedade.

Para tanto, vale retomar o Projeto Político Pedagógico - PPP da escola em que serão desenvolvidas as atividades propostas nesse trabalho para reafirmar, que ancorados por Paulo Freire o trabalho que será realizado com nossos alunos não é focado na transferência do conhecimento e teoria. E, sim, priorizaremos criar possibilidades para construção do saber ligando ao lado socialmente engajado.

Assim, em conformidade com Nilma Lino Gomes (2003), compreendemos que a escola é um espaço para formação de um cidadão, pensamos no processo educativo de uma maneira mais ampla, que vai além dos currículos das disciplinas escolares:

Nessa perspectiva, quando pensamos a escola como um espaço específico da formação, inserida num processo educativo bem mais amplo, encontramos mais do que currículos, disciplinas escolares, regimentos, normas, projetos, provas, testes e conteúdos. A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola, tanto pode valorizar identidade e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las (Gomes, 2003, p.171-172).

Vale ressaltar, que apesar de entendermos que a construção da identidade negra acontece em oposição ao branco, todavia, a nossa proposta busca refletir com alunos negros e não negros e por isso visa, sobretudo, mediar o conflito através do diálogo, como propõe Nilma Lino Gomes (2003):

É importante lembrar que a identidade construída pelo negro se dá não só por oposição ao branco mas, também, pela negociação, pelo conflito e pelo diálogo com este. As diferenças implicam processos de aproximação e distanciamento. Nesse jogo complexo, vamos aprendendo, aos poucos, que as diferenças são imprescindíveis na construção da nossa identidade (Gomes, 2003, p.172).

Dessa maneira, fomentados pela discussão tecida por Munanga (2019), compreendemos:

que a identidade de um grupo funciona como uma ideologia na medida em que permite a seus membros se definir em contraposição aos membros de outros grupos para reforçar a solidariedade existente entre eles, visando a conservação do grupo como entidade distinta (Munanga, 2019, p. 13).

De acordo com Joyce Maria Rodrigues (2012), a construção identitária de um indivíduo é um processo que acontece não só do seu olhar sobre si, como também do olhar do “outro” sobre ele. Nesse sentido, essa relação “eu” e “outro”, gera muitas vezes situações conflituosas:

A identidade de um indivíduo tem seu início no processo que se dá a partir do seu olhar para si próprio e do olhar do “outro” para ele. Por isso podemos entender que o processo identitário é tanto individual quanto coletivo e sempre engendra instâncias conflituosas. A identidade não somente demarca a existência de um indivíduo no mundo, mas também direciona a maneira como ele vai se socializar (Rodrigues, 2012, p.61).

Compreendendo que essa socialização também acontece no ambiente escolar, conversamos com os alunos acerca de questões identitárias, que foram construídas historicamente, marcadas por uma visão do negro como inferior e subalterno. Para tanto, nos apoiamos em três palavras: identidade, fidelidade e solidariedade, que conforme Munanga (2019), já tinham sido apresentadas por Césaire:

A identidade consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer, cabeça erguida: sou negro. A palavra foi despojada de tudo o que carregou no passado, como desprezo, transformando este último numa fonte de orgulho para o negro. A fidelidade repousa numa ligação com a terra-mãe, cuja herança deve, custe o que custar, demandar prioridade. A solidariedade é o sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajuda-los e a preservar nossa identidade comum. (Munanga, 2019, p. 48).

Assim, uma das vias de construção da identidade negra perpassa pela estética corporal, em que a aceitação dos cabelos crespos e afros, características oriundas de nossas raízes africanas, configura-se uma representação identitária. Por isso, consideramos a discussão tecida por Stuart Hall (2004) a respeito das identidades enquanto representações:

Isto é, as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo” (aqui, a linguagem da filosofia da consciência acaba por nos trair), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos do sujeito que são nelas investidos (Hall, 2004, p.112).

Ademais, antes de refletirmos sobre estética negra é importante que compreendamos como o conceito de beleza, apresentado por Nilma Lino Gomes (2017), no livro *Movimento Negro Educador* é entendido no mundo globalizado:

Porém, quando a ideia de beleza é construída por um grupo, num contexto de dominação ou de diferenciação cultural, ela pode servir não só de marca distinção como também discriminatória. Em nome da ausência de beleza pode-se excluir e segregar. Nesse caso, a beleza é usada como referência para a criação do seu oposto: a feiúra. E, ao eleger a feiura como aquilo que está fora do que atinge positivamente nosso campo sensorial, pode-se usar uma determinada concepção de beleza como hegemônica e hierarquizar pessoas, grupos, povos, raças e etnias. A feiura é uma construção cultural que atua como oposto da beleza. Ambas dizem respeito à relação exclusão/inclusão (Gomes, 2017, p. 109-110).

Segundo a autora, no Brasil, o padrão estético de beleza é atravessada pela discussão étnico-racial, em que o “padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço”. Dessa forma, tentando desconstruir essa realidade social o Movimento Negro surge com a expressão “beleza negra” e invade o âmbito da estética corporal e das artes plásticas:

Um dos resultados dessa luta e aprendizados político-identitários-corpóreos dela resultante foi a sanção presidencial da Lei 12.987, de 2 de junho de 2014, decretando o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, a ser comemorado atualmente em 25 de julho. [...] A estética negra passou a ser compreendida como parte do direito da cidadania e da vida das mulheres negras, tornando-se um dos saberes sobre o corpo que vem sendo amplamente socializado e potencializado, principalmente pelas jovens negras (Gomes, 2017, p. 76-77).

Nessa perspectiva, ao refletirmos sobre a beleza do corpo negro, no ambiente escolar, contribuímos para fomentar os avanços sociais e desnaturalização de atitudes e posturas racistas dos discentes:

A educação escolar tem sido um dos principais meios de socialização de discursos reguladores sobre o corpo negro. A mudança nesse estado de coisas tem sido fruto da luta do Movimento Negro. E, nos últimos anos, tem sido tema da intervenção artística, poética e política de uma parcela da juventude negra, sobretudo as jovens negras (Gomes, 2003, p. 95).

Respaldados por Gomes, compreendemos que precisamos estar atentos às questões étnico-raciais e a responsabilidade social da escola nesse processo de desconstrução de estereótipos:

As escolas que percebem a importância de um trabalho coordenado com a comunidade, os movimentos sociais e profissionais negros que lidam no seu cotidiano com a questão racial, abrem as suas portas para um trabalho conjunto. É nesse momento que a articulação entre os espaços escolares e não – escolares pode acontecer. (Gomes, 2003, p. 179).

Nesse sentido, buscando essa desconstrução refletimos sobre as “brincadeiras” e “piadas” envolvendo a Estética Negra, que acontecem em vários espaços, dentre eles, as escolas, conceituado por Moreira (2020) como racismo recreativo:

Esse conceito designa um tipo específico de opressão racial: a circulação de imagens derogatórias que expressam desprezo por minorias raciais na forma de humor, fator que compromete o status cultural e o status material dos membros desses grupos. Esse tipo de marginalização tem o mesmo objetivo de outras formas de racismo: legitimar hierarquias raciais presentes na sociedade brasileira de forma que oportunidades sociais permaneceram nas mãos de pessoas brancas. Ele contém mecanismos que também estão presentes em outros tipos de racismo, embora tenha uma característica especial: o uso do humor para expressar hostilidade racial, estratégia que permite a perpetuação do racismo, mas que protege a imagem social de pessoas brancas (Moreira, 2020 p. 31).

Nesse sentido, é oportuno destacar o que de acordo com Kilomba (2019), trata-se de situações de racismo do “cotidiano”:

O termo “cotidiano” refere-se ao fato de que essas experiências não são pontuais. O racismo cotidiano não é um “ataque único” ou um “evento discreto”, mas sim uma “constelação de experiências de vida”, uma “exposição constante ao perigo”, um “padrão contínuo de abuso” que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém – no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família.” (Kilomba, 2019, p.80)

Sendo assim, ao trazermos para sala de aula obras de escritores afro-brasileiros buscamos não só dar visibilidade aos escritores e suas obras, como também colocar em evidência as histórias com personagens protagonistas negros a fim de contribuir para desconstrução desses estereótipos.

2 METODOLOGIA

Nesse tópico, explicaremos o processo metodológico da pesquisa. Desse modo, contamos com o método de pesquisa-ação que conforme Michel Thiollent (2005, p.8) tem como objetivo “dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora”.

Para tanto, nessa investigação identificamos um problema de ordem social, que é o racismo, e por isso buscamos caminhos para produzir ideias, conhecimentos, propostas para construção de uma educação antirracista, a fim de colaborar como ferramenta de mudança social:

De passagem, nota-se que a pesquisa-ação pode ser concebida como *método*, isto quer dizer um caminho ou um conjunto de procedimentos para interligar conhecimento e ação, ou extrair da ação novos conhecimentos. Do lado dos pesquisadores, trata-se de formular conceitos, buscar informações sobre situações; do lado dos atores, a questão remete à disposição a agir, a aprender, a transformar, a melhorar etc. Além de uma simples coleta de dados, a pesquisa-ação requer um longo trabalho de grupos reunindo atores interessados e pesquisadores, educadores e outros profissionais qualificados em diferentes áreas.” (Thiollent, 2005, p. 8).

Para fins desse estudo, fizemos uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois tivemos o suporte dos conceitos, discussões, tecidas por diversos estudiosos para refletirmos sobre um problema social com a ajuda dos colaboradores, a fim produzir conhecimentos que sirvam como instrumentos de mudanças relacionadas às questões étnico-raciais na construção do cidadão.

Desse modo, retomamos o artigo 3 da Lei de Diretrizes e Bases – LDB, acerca de que a finalidade da educação é o “pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania” e o compromisso do professor com a formação do cidadão, que dialoga com Paulo Freire (2006, p. 98) ao afirmar que “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.”

Nessa perspectiva, vale enfatizar o compromisso do professor pesquisador e a sua diferença em relação aos outros professores, que de acordo com Bortoni (2008, p.46) é necessário “refletir sobre a própria prática, buscando reforçar e

desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. Para isso ele se mantém aberto a novas ideias e estratégias.” E que segundo Paulo Freire “ensinar exige pesquisa” (2006, p. 29), pois “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro.”

Observando o chão da escola, é notável que encontramos um espaço ocupado por coletivos sociais diversos, inquieto, tenso, constantemente bombardeado pelas violências e opressões. Assim, as reflexões trazidas nesse estudo são respaldadas pelas discussões de estudiosos e sobretudo pelas leis, com isso enfatizamos o comprometimento com o direito das pessoas:

A educação é o campo escolhido para as reflexões aqui realizadas devido ao fato de ser um direito social, arduamente conquistado pelos grupos não hegemônicos do Brasil e que durante muito tempo foi sistematicamente negado aos negros e às negras brasileiros. Na luta pela superação desse quadro de negação de direitos e de invisibilização da história e da presença de um coletivo étnico-racial que participou e participa ativamente da construção do país (...) (Gomes, 2017, p. 24).

Nessa perspectiva, compreendendo a importância de uma educação antirracista para construção do cidadão, consideramos as práticas de letramento na sala de aula, objetivando pensar em atividades pedagógicas ligadas às práticas sociais que envolvam a leitura e escrita e para isso contamos com reflexões tecidas por Roxane Rojo ao defender:

que um dos objetivos da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática. Para fazê-lo, é preciso que a educação linguística leve em conta, de maneira ética e democrática: os letramentos multissemióticos; letramentos críticos e protagonistas; os letramentos múltiplos. (Rojo, 2009, p. 11).

Outrossim, para pensarmos em atividades como uma ação afirmativa proposta pela lei 10.639/03, nos apoiamos nas reflexões a respeito de letramento racial que conforme Neide Almeida (2017), está relacionado a desconstrução das formas de pensar e agir em relação as pessoas negras que foram naturalizadas, por causa do racismo estrutural em nossa sociedade. Para a socióloga, o conceito de letramento racial está relacionado também a uma dimensão política:

O conceito de letramento supõe, portanto, uma dimensão política. Afinal, se não há neutralidade nas práticas de ensino, ao decidir o que ensinar e como

atuar nesse processo, poderemos nos comprometer com a legitimação ou com a transformação dos nossos currículos, dos livros didáticos, do que constitui e como são organizadas nossas escolas, bibliotecas, museus. Em síntese, é preciso implementar outras perspectivas, construir novas formas de olhar, de entender e de significar nossa história e nossas identidades. (Almeida, 2017, p.1)

Dessa forma, nos apoiamos nas contribuições trazidas por Eduardo Assis acerca do conceito de literatura afro-brasileira – textos que apresentam uma voz autoral afrodescendente; abarcam como tema a história do povo negro, denunciam a escravidão, abordam tradições culturais e religiosas dos povos africanos, além de abordar situações do cotidiano marcadas pela miséria e exclusão; práticas linguísticas vindas da África e a intencionalidade de atingir um determinado público.

Conforme o autor, o termo ainda está “em construção”, mas que nos ajudou a oportunizar a conversa sobre afro-brasilidade, quando apresentamos as obras os escritores afro-brasileiros e nessas obras encontramos elementos que:

Para além das discussões conceituais, alguns identificadores podem ser destacados: uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso: temas afro-brasileiros: construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de *enunciação* política e culturalmente identificado à afrodescendência, com fim e começo. (Duarte, 2021, p.29).

Apesar das oficinas desse estudo serem pensadas para atender os anos finais do Ensino Fundamental, ao conduzir a prática pedagógica tomamos como suporte a sequência expandida de Rildo Cosson, que foi criada para atender as demandas do Ensino Médio, porém precisávamos de momentos de reflexões maiores e acreditamos:

que na sequência básica se realiza a aprendizagem plena da literatura, mas porque nela se enfatiza a experiência da interpretação como construção do sentido do mundo, as outras dimensões do letramento literário terminam por ocupar um segundo plano. (...) A sequência expandida vem deixar mais evidente as articulações que propomos entre experiência, saber e educação literários inscritos no horizonte desse letramento na escola. (Cosson, p. 76)

Convém destacar, que a sequência expandida propõe atividades de letramento literário de aprofundamento da leitura de textos organizadas em sete tópicos: motivação, introdução, leitura, primeira interpretação, contextualização, segunda interpretação e expansão e cada um deles com objetivos específicos.

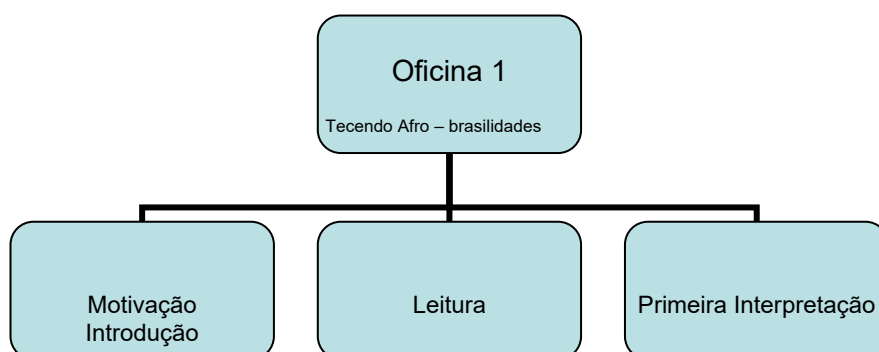
Conforme o autor, a “motivação” é a atividade para estimular a leitura da obra; a “introdução” é a “primeira entrada temática”, para chegarmos ao momento da “leitura”. Por conseguinte, inicia a primeira interpretação a fim de uma “apreensão global da obra”.

Segundo Cosson (2007, p.86), na contextualização a leitura é aprofundada por ter muitos contextos consigo, por isso pode ser dividida em contextualização teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática. Esse momento é de fundamental importância para segunda interpretação, momento de aprofundamento da obra do aluno leitor até chegar ao momento da expansão:

É esse movimento de ultrapassagem do limite de um texto para outros textos, quer visto como extrapolação dentro do processo de leitura, quer visto como intertextualidade no campo literário, que denominamos expansão. Desse modo, a expansão busca destacar as possibilidades de diálogo que toda obra articula com os textos que a precederam ou que lhes são contemporâneos ou posteriores (Cosson, 2007, p.94).

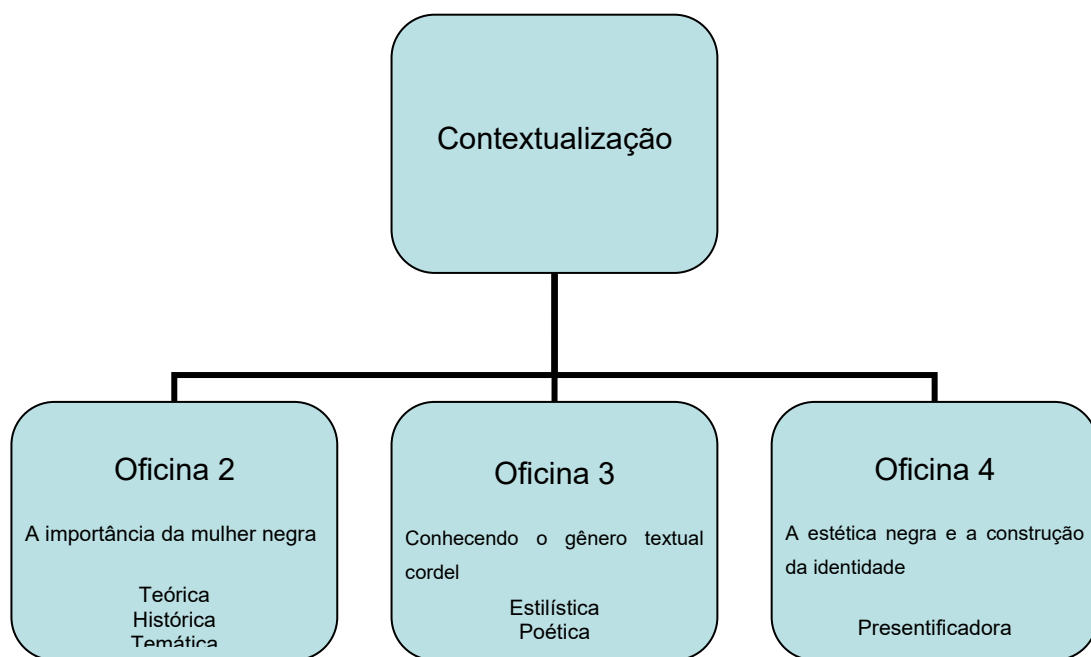
Desse modo, nos apoiamos nas contribuições do autor para pensar na proposta de intervenção desse estudo. Sobretudo é preciso destacar, que para fazê-las adaptamos os tópicos de acordo com os objetivos propostos e com as demandas apresentadas pela escola. A seguir, apresentaremos quadros de como desenvolvemos as oficinas e os tópicos abordados no processo de leitura com os discentes:

Quadro 1 – Oficina 1



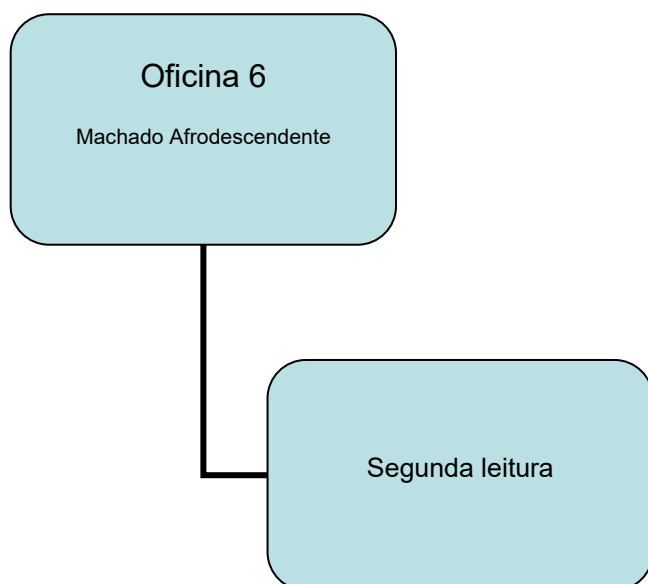
Fonte: A autora, 2023.

Quadro 2 – Oficinas 2,3 e 4



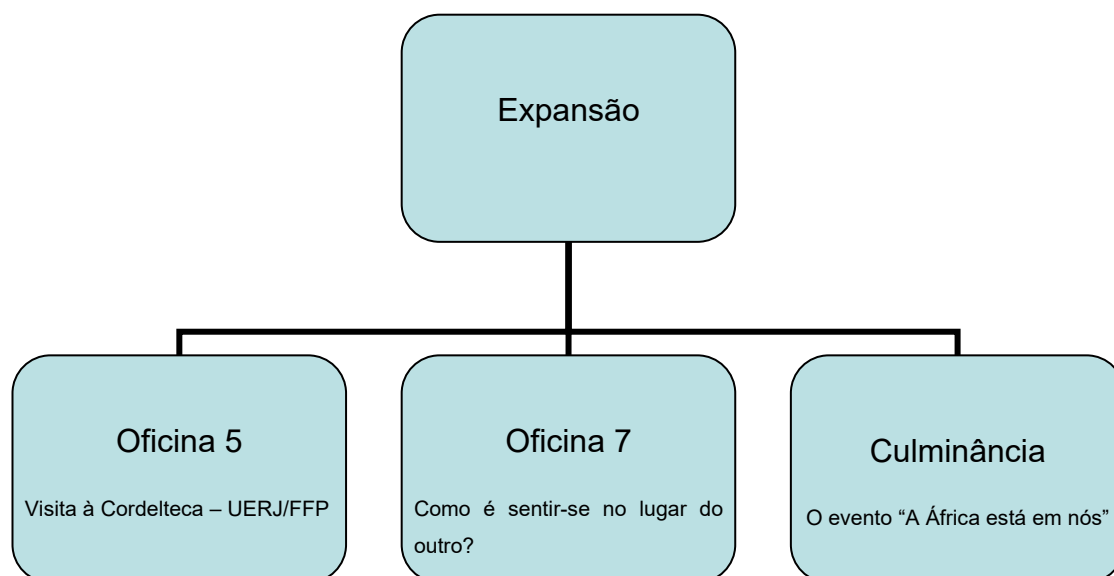
Fonte: A autora, 2023.

Quadro 3 – Oficina 6



Fonte: A autora, 2023.

Quadro 4 – Oficinas 5,7 e culminância



Fonte: A autora, 2023.

Nesse sentido, criamos nove oficinas. A oficina um: Tecendo afro – brasilidades; oficina dois: A importância da mulher negra; oficina três : Conhecendo o gênero textual cordel; oficina quatro: A estética negra e a construção da identidade; oficina cinco: Visita à Cordelteca – UERJ/FFP; oficina seis: Machado Afrodescendente; oficina sete: Como é sentir-se no lugar do outro?; oficina oito: Conhecendo o gênero textual teatro e a culminância o evento “A África está em nós.”, que explicaremos detalhadamente adiante, no item 3.1.

Sendo assim, é importante ressaltar, que ao apresentarmos as propostas de atividades, não pretendemos oferecer um modelo a ser seguido, e sim desejamos sensibilizar os docentes sobre a importância do tema e com isso estimular o interesse de refletirem a respeito de suas práticas sobre a temática em questão. A partir dessas práticas, pensamos em contribuir para uma educação antirracista.

2.1 Contexto da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no Colégio Estadual Melchíades Picanço, localizado na rua Saldanha Marinho, 199, no Bairro de Neves, próximo a comunidade Martins da cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro. A unidade pertence a Coordenadoria Regional Metropolitana II, da Secretaria de Educação, do Governo

do Estado do Rio de Janeiro. Nesta escola, leciono como professora de Língua Portuguesa, Literatura e Letramento em Português e faço parte da equipe desde novembro de 2013.

Figura 1 - Muro do Colégio Estadual Melchíades Picanço



Fonte: A autora, 2023.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico – PPP da unidade, o colégio foi criado no dia 04/01/1946 e chamava-se Grupo Escolar da Rua Oliveira Botelho. Dessa forma, passou a denominar-se Melchíades Picanço, em 12/09/1946, para homenagear o Presidente do Instituto dos Advogados Fluminense. Em 23/04/2001, a escola foi autorizada a funcionar com turmas dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Nessa perspectiva, é uma unidade de Ensino Regular que funciona em três turnos. Os anos finais do Ensino Fundamental, no turno da tarde; o Ensino Médio Regular, nos turnos manhã e noite e Ensino Médio da Modalidade EJA, no turno da noite. Desse modo, possui 29 turmas, 11 salas, 576 alunos e 65 servidores.

Em 2023, momento em que iniciávamos os estudos dessa pesquisa, a equipe diretiva era composta por Aduino Tavares Araújo – Diretor Geral; Renata do Carmo Oliveira – Diretora Adjunta; Paulo Roberto Rodrigues da Silva Filho – Coordenador Pedagógico; Eliane Ponath Vaz – Orientadora Educacional e Alan Carlos Peres – Secretário. Atualmente, tivemos a substituição da coordenação pedagógica e

orientação pedagógica, respectivamente para Caroline Sá de Souza e Dayane Couto.

A escola atende a comunidade local e parentes de ex-alunos, é pequena, não tem quadra, porém tem uma biblioteca com um excelente acervo bibliográfico. Segundo o PPP da unidade, a escola visa o “desenvolvimento do senso crítico para uma intervenção efetiva dos discentes na sociedade”. Para tanto, possui projetos interdisciplinares como o “Vale a pena estudar”, “Contraponto”, “Talent show”, “Jogando com o conhecimento”, “A África está em nós” e “Conhecendo o mundo”.

No ano de 2018, fez a sua primeira parceria com a UERJ- FFP através do Programa de Iniciação à Docência – PIBID/Letras. Desde então, vem desenvolvendo atividades envolvendo a temática antirracista. Em 2019, fez a primeira edição do evento “A África está nós” – evento aberto para toda comunidade escolar para conversar sobre afro-brasilidade coordenado pela professora Alessandra Rodrigues de Moraes e supervisionado pela professora Maria Betânia Almeida Pereira. No ano de 2023, o evento que já faz parte do calendário escolar, fez a sua terceira edição.

Atualmente, além do PIBID/Letras, a escola conta com o PIBID/Matemática, a Residência Pedagógica - Letras, Prodocência – Letras e Geografia, Laboratório de Relações Étnico-raciais e de gênero (FAPERJ) e Projeto ligado ao Serviço Brasileiro de Apoio às Microempresas – SEBRAE.

Convém lembrar que, apesar de ser uma escola engajada, compromissada com as causas sociais e que desenvolve várias atividades com a temática antirracista, durante as reuniões do laboratório de Relações Étnico - raciais no 2022, foram sinalizadas situações de racismo recreativo uso de palavras e expressões racistas como brincadeira com os alunos do Ensino Fundamental e Médio e foram também observadas situações de racismo nos corredores da escola e na sala de aula.

Relações étnico-raciais e de gênero



Fonte: A autora, 2024.

Dessa forma, a proposta desse projeto será fazer um trabalho mais intenso com as turmas do ensino fundamental, já que algumas turmas por falta de professor não tiveram a oportunidade de estudar literatura afro-brasileira.

Nesse sentido, as atividades da proposta de intervenção desse estudo serão desenvolvidas com as turmas 801 e 802, durante os meses de setembro, outubro e novembro do ano 2023 de maneira alternada. Dessa maneira, tendo como base a Lei 10.639/03, para desenvolver as oficinas foi utilizado como referência a sequência didática proposta por Rildo Cosson de maneira adaptada, pois consideramos os gêneros textuais propostos para serem trabalhados no bimestre, as situações do cotidiano dos alunos e as demandas da escola.

É importante ressaltar, que a turma que a 801, no ano de 2022 possuía em torno de 25 alunos com idade de 12 a 15 anos e ficou sem professor de Língua

Portuguesa grande parte do ano letivo de 2022, por isso não teve contato com obras de escritores afro-brasileiros. Atualmente, possuí 28 alunos, é uma turma muito agitada, que gosta bastante de conversar, porém é muito participativa.

Inicialmente, a proposta de intervenção foi planejada para ser desenvolvida somente com a turma 801, porém no mês de setembro de 2023 assumi a turma 802, que ficou sem professor de português, devido o professor da turma pedir afastamento por licença médica. Então, por se tratar de turmas com do mesmo ano letivo, resolvi fazer a sequência didática com eles.

Assim, a turma 802 possuí 25 alunos com idade de 12 a 15 anos e ficou sem professor grande parte do ano letivo de 2023 e eu comecei a dar aula para essa turma em setembro de 2023, período que eu já tinha organizado as oficinas pensando nas demandas da turma 801, que estava comigo desde o início do ano. Contudo, no momento que assumi a turma não achei justo que os alunos da turma 802 não tivessem a oportunidade de participar das atividades das oficinas.

Sendo assim, no próximo tópico apresentarei detalhadamente as oficinas da proposta de intervenção, que foram aplicadas nas turmas. Vale ressaltar, que mostraremos todas as obras, vídeos e material utilizado para desenvolver as atividades e os objetivos que pretendemos alcançar em cada atividade.

2.2 Proposta de intervenção

Nesta seção, apresentaremos a estrutura da proposta de intervenção que desenvolvemos com os discentes. Para tanto, contamos com a Literatura - disciplina que integra a Lei 10.639/03 - para ler com a turma as obras *Bela adormecida do Samba*, de Sônia Rosa; o conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis; o cordel “Tereza de Benguela”, do livro *Heroínas Negras*, de Jarid Arraes, a fim estimular a conversa sobre afro-brasilidade com os discentes.

Dessa forma, de acordo as observações a respeito dos “saberes”, “ensinamentos” e “lutas das mulheres negras”, de Gomes (2017, p.77) “a estética negra passou a ser compreendida como parte do direito da cidadania e da vida das mulheres negras”, utilizamos o dia 25/07 - dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra - data decretada pela lei 12.987/2014, para oportunizar a leitura do

cordel intitulado “Tereza de Benguela” da obra *Heroínas Negras* de Jarid Arraes, com isso objetivamos não só falar sobre a mulher no dia 8 de março e de afro-brasilidade, no dia 20 de novembro.

Nesse sentido, para conduzir a prática pedagógica nos baseamos na sequência didática do livro *Letramento literário* de Rildo Cosson, que propõe atividades de leitura de maneira organizada, a fim de utilizar o texto literário para estimular a visão crítica dos estudantes. Vale enfatizar, que nos apoiamos na sequência expandida apresentada pelo autor, que sugere atividades de letramento literário estruturadas em sete tópicos: motivação, introdução, leitura, primeira interpretação, contextualização, segunda interpretação e expansão para construção da proposta de intervenção.

É importante ressaltar, que fizemos uma sequência adaptada. Portanto, para desenvolvê-la adequamos os tópicos de acordo com os objetivos propostos e com as demandas apresentadas pela turma. Assim, criamos nove oficinas intituladas: oficina um: Tecendo afro – brasilidades; oficina dois : A importância da mulher negra; oficina três : Conhecendo o gênero textual cordel; oficina quatro: A estética negra e a construção da identidade; oficina cinco: Visita à Cordelteca – UERJ/FFP; oficina seis : Machado Afrodescendente; oficina sete: Como é sentir-se no lugar do outro?; oficina oito: Conhecendo o gênero textual teatro e a culminância : A África está em nós, como mostraremos resumidamente no quadro abaixo:

Quadro 5 - Sequência didática

	Objetivos	Estratégias
Oficina 1 – Tecendo Afro – brasilidades 2 tempos de aula	- Apresentar a lei 10.639/2003 e sua importância para Educação Básica; - Possibilitar o contato com obras de autoria negra, que refletem sobre afro-brasilidade; - Criar um espaço para conversar sobre afro-brasilidade.	- Primeiro momento: Os alunos vão assistir ao trailer do filme: Pequena Sereia e ao trailer da reação das meninas negras ao descobrirem que a pequena sereia é negra; - Segundo momento: A professora fará considerações sobre a Lei 10.639/2003, posteriormente apresentará a obra <i>Bela adormecida do</i>

		<i>Samba</i>, a vida e a obra da escritora Sandra Rosa; - Terceiro momento: leitura em voz alta da obra, em seguida abertura para que os discentes possam fazer as possíveis inferências.
Oficina 2 – A importância da mulher negra 2 tempos de aula	-Refletir sobre a importância da mulher negra e a presença de escritoras negras na literatura brasileira; - Reconstruir a imagem da mulher negra, através de uma representação positiva.	- Relacionar a lei que decreta o dia 25/07, como dia de Tereza de Benguela e da Mulher Negra com a lei 10.639/2003; - Ver o vídeo que conta a história de Tereza de Benguela; - Apresentar a escritora Jarid Arraes e sua obra <i>Heroínas Negras Brasileiras</i>; - Ler com a turma o cordel “Tereza de Benguela”.
Oficina 3 – Conhecendo o gênero textual cordel 2 tempos de aula	- Estudar as características do gênero textual;	- Retomar o cordel “Tereza de Benguela”; - Utilizar o quadro para anotar as principais características do gênero textual cordel.
Oficina 4 – A estética negra e a construção da identidade 2 tempos de aula	- Refletir com os alunos sobre negritude, aceitação e racismo; - Possibilitar a elevação da autoestima de alunos negros, sobretudo das alunas;	- Assistir ao curta – metragem <i>Hair Love</i>; - Assistir o episódio <i>Trancinhas</i>, série <i>Collin em Preto e Branco</i>; - Ouvir a música <i>Minha Rapunzel tem dread</i>, de Mc Sofia; - Entrevista com a Mc Sophia
Oficina 5 – Visita à cordelteca	- Apresentar um local que tenha literatura de cordel;	- Visita à cordelteca da UERJ - FFP

6 tempos de aula	- Conhecer a UERJ – FFP.	
Oficina 6 – Machado afrodescendente 2 tempos de aula	- Aprofundar o debate sobre a presença do negro na literatura; - Problematicar o texto literário; - Apresentar a vida e a obra do escritor Machado de Assis.	- Assistir ao comercial da Caixa Econômica Federal, que apresentou um Machado de Assis branco; - Ler o conto “Pai contra mãe”, de Machado Assis.
Oficina 7 – Como é sentir-se no lugar do outro? 2 tempos de aula	- Conscientizar os discentes sobre a relevância do povo negro na formação da sociedade brasileira.	-Assistir ao curta-metragem “Vista minha pele, de Joel Zito. - Ler o capítulo “Reconheça os privilégios da branquitude”, de Djamila Ribeiro.
Oficina 8 – Conhecendo o gênero textual teatro 2 tempos de aula	- Estudar as características do gênero textual;	- Utilizar o quadro para anotar as principais características do gênero textual teatro.
Culminância – “A África está em nós” 6 tempos de aula	- Possibilitar um dia para refletir sobre afro-brasilidade, aberto para toda comunidade escolar; - Encenar uma peça teatral sobre afro-brasilidade.	- Encenação da peça teatral baseada no livro <i>A Bela adormecida do Samba</i> , de Sônia Rosa, no evento “A África está em nós”

Agora, apresentaremos detalhadamente como pretendíamos desenvolver cada oficina:

Oficina 1 – Tecendo afro -brasilidades

A primeira oficina, intitulada “motivação” que conforme propõe Cosson (2007, p.54) “consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto.”, tomamos como suporte a literatura, disciplina que integra a Lei 10.639/03, para começarmos a tecer um diálogo sobre afro-brasilidade. Dessa maneira, utilizaremos dois tempos de aula no final mês de maio e será dividida em três momentos.

No primeiro momento, passaremos o Trailer do filme “A pequena sereia”, disponível no youtube no link: <https://www.youtube.com/watch?v=5ws9yXH8Vwc>, lançado em maio de 2023, que tem como protagonista uma mulher negra. Após verem ao vídeo, a professora vai perguntar aos discentes o que a acharam de a protagonista do filme ser uma mulher negra? Em seguida, a turma verá o vídeo da reação de meninas negras ao assistirem o vídeo do Trailer do filme e serão questionados por que elas acham que as meninas negras ficaram tão felizes ao ver o Traller.

Para começar o segundo momento, que Cosson chama de “introdução”, a professora vai perguntar aos alunos se já leram livros com personagens principais negros. Depois de escutá-los, colocará no quadro a lei 10.639/2003, explicará o que propõe a lei e fará considerações sobre a sua importância para Educação Básica.

Posteriormente, com a imagem da escritora Sônia Rosa projetada na televisão da sala de aula, a professora apresentará o livro *A bela adormecida do Samba* e falará um pouco sobre a vida e obra da autora, que também estarão em tópicos na projeção, enquanto o livro passa de mesa em mesa para que os alunos contemplem a capa.

Nesse sentido, ressaltaremos que a escritora é professora aposentada pelo Município do Rio de Janeiro, mestre em relações étnico-raciais, tem mais de dez bibliotecas com seu nome, além de possuir mais de cinquenta obras em que encontramos o protagonismo negro.

E para encerrar a oficina um, com a turma sentada em círculo, a professora fará a leitura do livro que conta a história de uma jovem passista negra que se machuca durante um ensaio no barracão e adormece junto com os componentes da

escola. Somente depois da pesquisa feita por um professor de história negro, seu corpo é encontrado e a após a jovem ser beijada por ele, acorda e os dois são felizes para sempre.

A leitura será feita em voz alta, com algumas paradas para tecer comentários referentes à história. De acordo com Cosson (2007, p.83) nesse momento seria interessante “trazer a leitura de textos diversificados para os intervalos a fim de mostrar ao professor que não há limites ou imposições rígidas na seleção dos textos”.

Sendo assim, após a leitura partiremos para o que o autor chama de “primeira interpretação”, momento em que os alunos ficarão à vontade para falar sobre as suas primeiras impressões sobre a obra. Compreendendo a importância desse diálogo com outros textos, deixaremos em aberto para que os alunos possam construir as possíveis leituras.

Vale ressaltar, que a obra é uma releitura do conto *A bela adormecida*, que apresenta diversas versões, porém todas em torno de uma princesa branca que adormece após espetar o dedo no fuso de uma roca. Nesse momento, deixaremos os discentes perceberem como o conto dialoga com outros textos e construir as possíveis leituras.

Por conseguinte, estimularemos os discentes a refletirem sobre como o cenário do conto descrito por Sônia Rosa nos apresenta vários elementos da cultura Afro-brasileira dentre eles: árvore Baobá, o barracão, o terreiro do samba, o adivinho Ifá e o santo São Jorge – nome dado a um personagem de grande relevância na história.

Assim, objetivamos que ao final desse primeiro encontro os alunos não só façam inferências com outros textos, mas também observem a presença dos personagens negros como protagonistas da história e com isso consigam fazer relações com o que conversamos ao longo da oficina.

Oficina 2 – A importância da mulher negra

Segundo Cosson (2007, p.83), “é preciso compreender que o literário dialoga com outros textos e é esse diálogo que tece a nossa cultura.” Na segunda oficina, objetivando refletir sobre a importância da mulher negra e a presença de escritoras negras na literatura brasileira, utilizaremos dois tempos de aula. A professora iniciará

a aula escrevendo no quadro: “25/07 - Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra”.

Em seguida, iniciaremos o momento intitulado “contextualização”, que conforme Cosson (2007, p.86), “compreende o aprofundamento da leitura por meio dos contextos que a obra traz consigo.” Conforme o autor momento para fazermos a contextualizações teórica e histórica da obra.

Nesse sentido, a professora vai relembrar o que foi conversado na oficina anterior e vai citar as protagonistas negras do filme *Pequena Sereia* e do conto *A bela adormecida do Samba*. Depois, perguntará aos alunos se já ouviram falar de Tereza de Benguela, após ouvi-los, vai relacionar a lei 10.639/2003, citada na oficina anterior, com a lei 12.987/2014, que decreta o dia 25 de julho como dia de Tereza de Benguela e da Mulher Negra.

Por conseguinte, juntos assistirão ao vídeo: Tereza de Benguela e o dia da mulher negra, de 4:24 minutos, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=-pJCl1gwKs>, que relata a história de Tereza Benguela, contada por Bruna de Oliveira. Então, depois do vídeo, a professora apresentará o livro *Heroínas Negras em 15 cordéis* e antes da leitura compartilhada, falará sobre a vida e a obra da escritora Jarid Arraes a fim fazermos as contextualizações temáticas e críticas.

Ressaltaremos, pois, a importância da escritora ser de uma família de cordelistas e sobre nos apresentar as histórias de várias heroínas negras ocultadas e silenciadas por longos anos. Dessa maneira, nessa oficina, não só conversaremos sobre a importância de trazer para sala de aula a história de uma mulher que contribuiu para a formação do povo brasileiro, como também enfatizaremos a importância da cultura popular.

Oficina 3 – Conhecendo o gênero textual cordel

Na terceira oficina, o objetivo é apresentar a literatura de cordel - gênero textual sugerido para ser estudado com o oitavo ano, conforme o currículo mínimo - e suas principais características. De acordo com Cosson (2007, p. 87), nesse momento faremos as contextualizações estilísticas e poéticas.

Para tanto, usaremos dois tempos de aula e contaremos com o quadro e o texto utilizado para exposição do conteúdo será adaptado das Atividades

Autorreguladas da Seeduc/RJ. No início da explicação, a professora retoma Jarid Arraes, lembrará que a escritora é de uma família de cordelistas e que o texto lido na oficina anterior era um cordel, gênero textual, que estudaremos durante o terceiro bimestre.

Ademais, falaremos dos locais no Rio de Janeiro que encontramos a literatura de cordel: Feira de São Cristovão, Cordelteca na UERJ-FFP e Academia Brasileira de Cordel, em Santa Tereza. E para encerrar, aproveitaremos para falar de Gonçalo Ferreira, membro fundador da Academia Brasileira de Cordel.

Oficina 4 – A Estética negra e a construção da identidade

Nesta oficina, iniciaremos a “contextualização presentificadora”, que de acordo com Cosson (2007, p. 89), momento em que “o aluno é convidado a encontrar no seu mundo social elementos de identidade com a obra lida, mostrando assim a atualidade do texto”.

Nessa perspectiva, compreendendo que uma das vias de construção da identidade negra perpassa pela estética corporal, em que a aceitação do cabelo crespo configura-se como uma representação identitária. Nessa oficina, utilizaremos dois tempos de aula e iniciaremos vendo o curta-metragem *Hair Love* vencedor do Oscar em 2020, disponível em: <https://youtu.be/fJztgKxnskl>, que conta a história de um pai que mesmo com muita dificuldade tenta arrumar o cabelo crespo da filha.

Depois, assistiremos ao primeiro episódio intitulado *Trancinhas*, da série *Collin Preto e Branco*, disponível na Netflix, que relata uma história baseada na vida Collin Kaepernick, ativista dos direitos civis e jogador de futebol americano. Durante o episódio, é relatado como foi a adolescência e a construção identitária do jogador. Desse modo, o jovem Collin trança pela primeira vez seus cabelos crespos e tem muitas dificuldades de aceitação não só dentro de sua própria casa com seus pais adotivos, que são brancos, como também com os treinadores do time.

Nesse momento, desejamos conversar com os alunos sobre negritude, aceitação e racismo e por isso estimularemos os alunos a contarem suas experiências. Então, objetivando promover uma conversa sobre aceitação dos cabelos crespos e afros, traços provenientes das nossas raízes africanas que constantemente são alvos de opressão e depreciação, veremos com a turma o clipe

da música *Minha Rapunzel tem dread*, de Mc Sofia, disponível no youtube no link: https://www.youtube.com/watch?v=b1Uf6_SV5_8.

Por conseguinte, assistiremos uma entrevista com Mc Soffia, quando ela tinha 12 anos, que também podemos encontrar no youtube no link: https://www.youtube.com/watch?v=w_kSMa2_Zms explicando os motivos pelos quais resolveu escrever a música e como foi o início de sua carreira além de falar de como foi a escrita da música e o que a música significa para ela resistência.

É importante relatar, que essa oficina vai valorizar, sobretudo a questão da estética negra. Assim, aproveitaremos a oportunidade de ampliar a conversa sobre a estética negra usando como contraponto as situações de racismo recreativo – brincadeiras que utilizam muitas vezes traços identitários da negritude como piada – que vêm acontecendo entre eles nos corredores da escola e na sala de aula.

Oficina 5 – Visita à Cordelteca – UERJ/FFP

Na quinta oficina, será uma aula passeio. Pretendemos, pois, levar os alunos para conhecerem a Cordelteca, localizada na UERJ-FFP. O objetivo dessa oficina é apresentar aos alunos um espaço com literatura de cordel numa Universidade localizada próxima da escola. Nesse dia, passaremos a tarde com alunos na faculdade e usufruiremos de todas as atividades propostas pela bibliotecária Rejane e as bolsistas da Cordelteca, da UERJ-FFP. Desse modo, antes de voltarmos à escola, faremos um lanche compartilhado na faculdade, a fim de que os alunos tenham a oportunidade de ter um contato maior com a Universidade.

Oficina 6 – Machado Afrodescendente

Na sexta oficina, em dois tempos de aula, intentamos aprofundar ainda mais a conversa sobre a presença do negro na literatura. Para tanto, durante as oficinas estamos conversando sobre afro – brasilidade, compreendemos que não podemos deixar de apresentar para os alunos o escritor Machado de Assis.

Assim, partiremos para o momento da “segunda interpretação”, que Cosson (2007, p.92) afirma poder “estar centrada sobre uma personagem, um tema, um traço estilístico, uma correspondência com questões contemporâneas, questões históricas, outra leitura, e assim por diante, conforme a contextualização realizada.”

Nesse momento, portanto, falaremos do literato, sua importância para literatura brasileira, enfatizando, sobretudo, acerca de sua afro-brasilidade que foi ocultada por tanto tempo. Dessa forma, apresentaremos toda problemática envolvendo a vida e a obra do autor relacionando sua postura diante a escravidão, problema de grande relevância social de seu tempo.

Nesse sentido, para refletirmos sobre essa questão veremos o comercial da Caixa econômica Federal - CEF, que escolheu um ator branco para representar Machado de Assis. Por conseguinte, conversaremos com a turma que na época o banco precisou retratar-se e refazer o comercial.

E para encerrar, faremos uma leitura compartilhada com a turma do Conto “Pai contra mãe”, escrito pelo autor, a fim de que os alunos tenham um primeiro contato com a obra do autor e, principalmente, comecem a fazer relações do texto sobre situações de racismo do cotidiano.

Se os alunos não lembrarem, retomaremos o caso recente que aconteceu em São Conrado, Rio de Janeiro, em que o entregador negro foi agredido por uma mulher branca com uma corrente de cachorro. Vale destacar, que muitos filmaram a cena, mas ninguém ajudou o rapaz, assim como no conto. Muitas pessoas passaram e não ajudaram a mãe escrava, que estava sendo arrastada pela rua.

Oficina 7 – Como é sentir-se no lugar do outro?

Por ser tratar uma proposta de atividade que pretende alcançar alunos negros e não negros, na sétima oficina, objetivamos promover um debate em torno de como é sentir-se no lugar do outro, a fim de conscientizar os discentes sobre a relevância do posicionamento em relação ao racismo, que conforme Djamila, trata-se de um debate estrutural e não individual. Dessa forma, em dois tempos de aula, iniciaremos o momento assistindo com os alunos o curta-metragem *Vista minha pele*, disponível em: <https://youtu.be/LWBodKwuHCM>, dirigido por Joel Zito, lançado em 2003, que conta uma história invertida. No curta, o Brasil foi colonizado pelos negros, por isso quem sofre preconceito racial é uma menina branca, ela é a bolsista da escola, pois estuda no colégio que sua mãe trabalha como faxineira. Depois, faremos uma leitura compartilhada do capítulo “Reconheça os privilégios da branquitude” do livro *Pequeno Manual Antirracista*, de Djamila Ribeiro.

Oficina 8 – Conhecendo o gênero textual teatro

A oitava oficina acontecerá no início do quarto bimestre, conforme o Currículo Mínimo do Governo do Estado do Rio de Janeiro, o gênero proposto para ser trabalho com oitavo ano é Teatro. Desse modo, em dois tempos de aula, adaptaremos as Atividades Autorreguladas SEEDUC para apresentar o gênero textual e utilizaremos o quadro para exposição do conteúdo. E no fim da aula, faremos a proposta de atividade para turma que será encenar uma peça teatral, baseada na obra *A bela adormecida do Samba*, de Sônia Rosa e apresentaremos no evento “A África está entre nós”, que explicarei no próximo tópico.

Culminância – A África está em nós

A culminância da sequência será no evento “A África está em nós”, que no ano de 2023, fará sua terceira edição e acontecerá no turno da manhã e da tarde. Esse evento, teve sua primeira edição no ano de 2019, é supervisionado pela professora Maria Betânia – UERJ/FFP, organizado e coordenado pela professora Alessandra de Moraes -professora da escola- e desde a edição de 2022 conta com a parceria da equipe de bolsistas do Projeto Prodocência, “Literatura de autoria negra no chão da escola: ensino, pesquisa e produções”, coordenado pela professora Maria Betânia Almeida Pereira, da UERJ/FFP e do Laboratório de Relações étnico-raciais FAPERJ, supervisionado pelo professor Mário Lago, para promover um diálogo sobre afro-brasilidade, na semana da Consciência Negra. Nesse dia, todos os trabalhos envolvendo a temática racial serão expostos, terá música, dança, palestras e é aberto para toda comunidade escolar. Esse ano, pretendemos convidar a escritora Sônia Rosa para conversar com os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, além de contar com a apresentação teatral dos alunos da turma 801 e 802, nos dois turnos.

2.3 Aplicação da proposta de intervenção e resultados obtidos

aplicação resolvi desenvolver com a turma 802. Prevíamos começar as oficinas em setembro, entretanto iniciamos em outubro, porque precisávamos aguardar o retorno das autorizações dos responsáveis.

Por conseguinte, antes de iniciar as oficinas consegui conversar com a escritora Sônia Rosa, que se mostrou muito lisonjeada e aberta ao contato comigo e com os alunos, porém não poderia estar presente na culminância das atividades por já estar com agenda comprometida na data.

Algo importante a ser relatado é, que precisei trocar a Oficina 5 - Visita à cordelteca, da UERJ - FFP, com a Oficina 4 – A importância da estética negra e a construção da identidade, porque foi preciso agendar a visita de acordo com a disponibilidade de horários. Assim, fiz uma inversão: as turmas tiveram como oficina 4, a visita à cordelteca e oficina 5, a importância da estética negra e a construção da identidade.

Desse modo, iniciamos a oficina 1 – Tecendo afro-brasilidades, com as duas turmas no dia 11/10/2023. As duas turmas precisaram ser deslocadas para sala da turma 904, porque para essa oficina precisávamos utilizar a TV, a fim de projetar as imagens e vídeos e como na sala da 801 ainda não tinha TV, já tínhamos acordado o deslocamento, já com a turma 802, fui pega de surpresa. A televisão que tem na sala da 802 não funcionou adaptando ao meu telefone.

Confesso, que inicialmente causou um certo transtorno o deslocamento da turma 802, pois não estava preparada para essa mudança e por isso a oficina começou atrasada e foi um pouco mais corrida. Assim, nas demais oficinas que precisaríamos da televisão, eu organizei a troca com outro professor antecipadamente para não atrasar o desenvolvimento das atividades.

Apesar do transtorno provocado pela troca de salas, as turmas estavam atentas e alcançaram o objetivo proposto. É claro, que preciso destacar que a turma 801, eu era professora da turma desde o início do ano e eles ficavam mais à vontade para interagir e perguntar.

Para tanto, na segunda oficina, antes de iniciar e colocar no quadro o tema, eu retomei o tema da oficina anterior e fui elencando no quadro os assuntos abordados. No momento, em que citei a escritora Sônia Rosa e comentei na oficina com a turma 801, que ela sabia que estávamos lendo o livro dela. Uma aluna perguntou por que ela não ia na escola para conhecê-los? Eu falei que fiz o convite, mas não poderia ir por causa de agenda comprometida.

Convém lembrar, que essa conversa inicial foi prolongada, na turma 801. Uma aluna aproveitou para questionar se eu realmente tinha contato com a escritora. Eu respondi que sim e que tinha a conversa no WattsApp. E retrucou pedindo para eu aproveitar a televisão para espelhar meu celular e mostrar a conversa. Eu espelhei a conversa e eles viram que a escritora estava online e começaram a pedir para que eu conversasse com a escritora.

Então, comecei a conversar com escritora, que estava no aeroporto e mesmo assim nos atendeu. Aproveitei para falar com ela que estava com os alunos, ela muito atenciosa nos enviou uma foto, também enviei uma foto da turma com o livro para ela. E eles ficaram contentíssimos. A escritora também nos autorizou a colocar o print da conversa na página da escola como mostrarei nas imagens 6 e 7.

Na terceira oficina, alcançamos o objetivo proposto e eu comecei a conversar com as turmas sobre possíveis atividades no final da sequência. Sendo assim, acordamos que a turma 801 faria uma peça teatral baseada na obra e a turma 802, faria perguntas para enviar a Sônia Rosa. Vale destacar, que desde a leitura da obra *A bela adormecida do samba*, de Sônia Rosa, os alunos revezam entre eles quem ficaria com o livro para ler em casa e iam trocando, pois deixei um exemplar em cada turma.

A quarta oficina foi a visita à cordelteca. O passeio da turma 801 foi no dia 23/10/2023, estiveram presentes apenas nove alunos. Já o passeio com a turma 802, aconteceu no dia 31/11/2023 e tivemos a participação seis alunos. Apesar da poucos alunos, o que inicialmente me preocupou, as visitas foram maravilhosas! Os alunos participaram de uma atividade intitulada “A linha do tempo dos negros do Brasil”, organizada pela bibliotecária Rejane e depois participaram da oficina de isogravura – técnica de pintura usando isopor.

A quinta oficina ocorreu conforme eu havia planejado com as duas turmas. Todavia, é preciso enfatizar que os alunos gostaram muito do primeiro episódio da série *Collin Preto e Branco*, sentiram-se motivados a contar vários relatos pessoais e ainda pediram para continuar a ver a série. Infelizmente, não conseguimos no fim da sequência ver outros episódios, porque já estávamos no fim do ano letivo. Ademais, a partir dessa oficina os alunos começaram a utilizar o fim das minhas aulas para preparem as atividades propostas para culminância. A turma 801, também começou a utilizar algumas aulas de geografia com a professora Dayane Couto para preparar a sua apresentação teatral.

A sexta, a sétima e a oitava oficina ocorreram conforme tínhamos planejado. Sempre no final das atividades a turma 801 aproveitava para ensaiar e organizar a peça teatral. Já sabendo que a escritora Sônia Rosa não poderia comparecer ao evento “A África está em nós”, a turma 802, utilizou final da sexta oficina para terminar de fazer as perguntas para escritora, o fim da sétima oficina para gravar um vídeo fazendo as perguntas para enviarmos para escritora e no fim da oitava oficina ouviram os áudios com as respostas da escritora.

É importante ressaltar, que por conta da preparação da peça, não consegui mostrar as perguntas feitas pelos alunos da turma 802 e as respostas nos áudios da escritora Sônia Rosa para turma 801. Contudo, na culminância a apresentação teatral baseada na obra escritora aconteceu no turno da tarde para encerrar. Foi necessário fazer duas sessões em uma delas a turma 802 assistiu à apresentação dos colegas, quem não estava no colégio pôde assistir no Instagram da escola.

Infelizmente não conseguimos trazer a Sônia Rosa para conversar pessoalmente no evento. Contudo, vale ressaltar que os alunos do turno da tarde ficaram muito envolvidos com a apresentação dos alunos da turma 801 e encerramos o evento com duas lindas apresentações.

Assim, mostraremos abaixo alguns registros de momentos da aplicação das oficinas realizadas com os discentes:

Figura 4 - Oficina 1 – Tecendo Afro-brasilidades



Fonte: A autora, 2023.

Figura 5 - Oficina 1 – Tecendo Afro-brasilidade



Fonte: A autora, 2023.

Figura 6 - Conversa com a escritora
Sônia Rosa – Parte I



Fonte: A autora, 2023

Figura 9 - Visita à UERJ – FFP com a turma 802



Fonte: A autora, 2023.

Figura 10 - Visita à UERJ – FFP com a turma 801



Fonte: A autora, 2023.

Figura 11 - Visita à UERJ – FFP com a turma 801



Fonte: A autora, 2023.

Figura 12 - Cordelteca UERJ – FFP



Fonte: A autora, 2023.

Figura 13 - Atividades na
Cordelteca UERJ-FFP



Fonte: A autora, 2023.

Figura 14 - Coordelteca UERJ/FFP



Fonte: A autora, 2023.

Figura 15 - Turma 801 assistindo à série:
Collin em Preto e Branco



Fonte: A autora, 2023.

Figura 16 - Fim das oficinas com a turma 802



Fonte: A autora, 2023.

Figura 17 - Apresentação da Peça Teatral no Evento
“A África está em nós”



Fonte: A autora, 2023.

Figura 18 - A Princesa Bela sendo acordada pelo Príncipe Jorge”



Fonte: A autora, 2023.

Figura 19 - Alunos da turma 801 no fim da apresentação



Fonte: A autora, 2023.

Figura 20 - Alunos da turma 801 no fim da apresentação



Fonte: A autora, 2023.

Por tudo isso, no próximo capítulo contarei o que é o evento “A África está em nós”, como começou, o referencial teórico que sustenta o projeto, a relação do evento com a minha pesquisa, e sobretudo como começaram os meus estudos orientados pela professora Maria Betânia, com intuito de buscar caminhos para

construção de uma educação antirracista, tendo como base a lei 10.639/2003, que adotou o ensino de História, Cultura e Literatura Afro-brasileira na Educação Básica.

2.4 O evento “A África está em nós”: costuras entre formações e a trajetória de uma educadora antirracista.

Nesse tópico, vou apresentar com foi o processo de construção do evento “A África está em nós”. É importante ressaltar, que durante seis anos, venho observando a realidade do Colégio Estadual Melchíades de Picanço e com a orientação da professora Maria Betânia Almeida Pereira e a credibilidade do diretor Aduino Tavares, busco caminhos para uma Educação antirracista nessa unidade.

Nesse sentido, o evento não só está intimamente ligado à minha trajetória acadêmica, como também a primeira parceria da escola com Programa Institucional de Iniciação à Docência -PIBID/Letras da UERJ/FFP, em 2019, momento em que eu era supervisora e a professora Maria Betânia Almeida Pereira era coordenadora da equipe. Para tanto, foi nesse período que fui me informando e formando alunos, seguindo a ótica de uma educação antirracista, como vou relatar a seguir:

2019 - O evento a “A África está em nós” aconteceu pela primeira vez, no mês novembro. Nesse ano, eu tinha acabado de concluir a Especialização em Educação Básica, na modalidade Ensino de Língua e Literaturas de Língua Portuguesa na Faculdade de Formação de Professores, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ e atuava como Supervisora do PIBID/LETRAS, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ e nós tínhamos como coordenadora a professora Maria Betânia Almeida Pereira.

A motivação e a construção do projeto surgiram durante as pesquisas pela busca de caminhos para trabalhar História, Cultura e Literatura Africana na sala de aula, em turmas do terceiro ano, do Ensino Médio. Nesse sentido, a partir dos estudos e atenção ao contexto da escola, o projeto foi desenvolvido no Colégio Estadual Melchíades Picanço, localizado no Bairro de Neves, próximo a comunidade Martins de São Gonçalo, com as turmas do terceiro ano do Ensino Médio, respectivamente 3001 e 3002, no segundo semestre do ano 2019.

Inicialmente, a intenção não era fazer um evento, e o objetivo era promover oficinas para motivar um diálogo sobre afro-brasilidade em sala de aula, a fim de pôr em prática a ação exigida pela lei 10.639/03, que inseriu o ensino de História da África e Culturas Afro-Brasileiras na Educação Básica e com isso levar os alunos do Ensino Médio a refletirem acerca da importância do povo africano na formação da sociedade brasileira.

Vale destacar, que o projeto é interdisciplinar, pois contou com o apoio nas oficinas do professor de História Adauto Tavares, na época diretor adjunto, que é atualmente o diretor da unidade e com os bolsistas do PIBID/LETRAS, que me acompanhavam na escola.

Para tanto, foi utilizado como referencial teórico as discussões a respeito do conceito de identidades tecido por Stuart Hall (2004) ; as obras *Letramentos no Ensino Médio*, de Ana Lúcia Silva, Ana Paula Corti e Márcia Mendonça e *Quando me descobri negra* de Bianca Santana.

Além disso, para conseguirmos trabalhar com a linguagem enquanto fenômeno social, foi tomado como base a perspectiva bakhtiniana dos gêneros do discurso e o conceito de diálogo. E por fim, para conduzir a prática pedagógica na construção das oficinas tomamos como referência a sequência didática dos pesquisadores de Genebra Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly e Michéle Noverraz que apresentam as atividades organizadas em torno de um gênero textual. Sobretudo é importante ressaltar, que para fazê-las adaptamos de acordo com a realidade da escola.

Na primeira oficina, objetivando que os alunos refletissem sobre a História do Brasil e contribuição africanos na construção do povo brasileiro, convidei o professor de história Adauto Tavares que apresentou para as turmas 3001 e 3002 a lei 10.639/03, e explicou sua importância para educação, a fim que os alunos compreendessem o assunto que conversaríamos nas próximas aulas.

Ainda nesse primeiro encontro, os alunos assistiram ao curta *Cores e botas*, disponível no youtube no link: <https://www.youtube.com/watch?v=nVvCt3EGqs>, que apresenta a história da menina negra que tinha o sonho de ser paqueta e não conseguiu por não ter a cor de pele branca e cabelo loiro, requisito fundamental para passar no processo seletivo.

Para encerrar, o professor mediou um debate baseado nas perguntas que os alunos foram levantando durante a conversa no fim da aula. Assim, assuntos

tratados foram racismo, colorismo, movimento black is beautiful e cotas raciais. Porém, o assunto que os deixou bastante intrigados foi quando o professor se declarou negro, o que levou a muitos alunos questionarem a sua própria cor.

Na segunda oficina, com o objetivo de promover um debate em sala de aula em torno de como é se sentir no lugar do outro, os alunos assistiram ao curta *Vista Minha Pele*, disponível no youtube no link: <https://www.youtube.com/watch?v=m7rLDHeIK3k>, lançado em 2003, dirigido por Joel Zito Araújo que relata uma história invertida, porque os negros foram colonizadores portanto, os brancos que foram escravizados.

No curta, a personagem principal é uma menina branca que estuda numa escola particular por ser bolsista, já que sua mãe é merendeira da escola. Desse modo, sofre preconceito na escola pela sua cor de pele e por isso tem dificuldades de vender votos para conquistar o prêmio de Miss Festa Junina. É importante ressaltar que, instigados por essa oficina, utilizamos esse curta na oficina 2 na proposta de intervenção desenvolvida com as turmas de oitavo ano, desse trabalho.

Na terceira oficina, com objetivo de apresentar aos alunos uma lenda e os valores do povo Africano, as turmas assistiram ao filme *Kiruku e a feiticeira*, disponível no youtube no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Q4luNCxQ-gs> com muitos poderes, que luta contra feiticeira Karabá para salvar sua aldeia e consegue. Para tanto, durante o filme, alguns costumes dos povos africanos podem ser percebidos, sobretudo a importância que eles dão aos idosos.

Na quarta oficina, resolvi utilizar as atividades autorreguladas da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro – SEEDUC/RJ, de Língua Portuguesa, disponível no site para uso dos professores. Nesse sentido, adaptei os exercícios em torno de um fragmento do escritor africano Amadou Hampâté Ba que tem no material, objetivando promover uma reflexão sobre a maneira de ser, viver e pensar dos povos africanos.

É importante ressaltar, que quando planejei as atividades pretendia, na quinta oficina, trabalhar com o gênero textual conto. Dessa forma, usaríamos o conto “Fios de Ouro”, do livro *Histórias de leves enganos e parecenças*, de Conceição Evaristo. Contudo, logo no início das oficinas, a escola recebeu uma grande quantidade da obra *Quando me descobri negra*, da Bianca Santana.

Nesse momento, a diretor adjunto da unidade, Adauto Tavares, entrou em contato com os professores de Língua Portuguesa, das turmas do Ensino Médio e

sugeriu a leitura com os alunos. Inicialmente, a intenção não era incluí-lo na sequência, por isso eu e os bolsistas do PIBID/Letras, levamos o livro para ler em casa e pensar numa possível atividade com os alunos.

Somente após a leitura da obra, percebi o quanto ela se encaixava perfeitamente com a nossa proposta e depois de conversar com a coordenadora do projeto do PIBID na escola e os PIBIDIANOS, resolvi tirar o conto e incluir o livro de relatos da Bianca Santana, na sequência didática.

Assim, na quinta oficina, objetivando apresentar um escritor brasileiro, promover a leitura em grupo e consequentemente promover um momento de reflexão sobre o racismo no Brasil, trabalhamos com livro de relatos, *Quando me descobri negra*, da Bianca Santana, que por sugestão da direção, deveria ser lido por todas as turmas do Ensino Médio.

Desse modo, nós fizemos a leitura toda da obra em sala aula. Os alunos, a professora e os estagiários do PIBID/LETRAS revezaram a leitura. Durante todo o processo, percebemos o quanto os alunos estavam envolvidos, e assim surgiam comentários, suspiros e várias reflexões. E os comentários sobre o livro não ficaram por ali.

Dessa maneira, os alunos comentavam sobre o livro nos corredores da escola, já que outras turmas também estavam lendo o livro a pedido da direção. Naquele ano, o livro foi um acontecimento, movimentou toda a escola. Até os professores de outras disciplinas sentiram-se motivados a ler.

Na sexta oficina, utilizei o quadro para apresentar o gênero textual relato e suas características. Para tanto, o objetivo dessa oficina é explicar aos alunos sobre o gênero textual do livro lido na oficina anterior. Em seguida, fomos para sala de vídeo, que ficava próxima ao refeitório, assistir aos relatos de homens e mulheres negras, contando suas histórias e experiências sobre racismo. Aproveitamos para passar um vídeo da escritora Bianca Santana, contando a sua história de vida e com foi escrever o livro.

Vale enfatizar, que precisamos retomar a conversa sobre colorismo iniciada na primeira oficina. Depois da leitura da leitura do livro e ver a escritora de pele clara, alguns alunos que não se reconheciam como negro, chegaram à conclusão que eram negros e verbalizaram para os colegas. Encerramos essa atividade com o relato do médico Drauzio Varella, contando sobre o dia que presenciou uma situação

de racismo com seus amigos negros e finaliza explicando sobre a genética do negro e do branco.

No final dessa oficina, fiz a proposta de atividade planejada para conclusão do projeto, pedi aos discentes que escrevessem relatos sobre situações de racismo que viram, ouviram ou sentiram e trouxessem na próxima aula para que pudéssemos juntar as duas turmas e construir um livro único.

Depois da finalização das oficinas, passei para o trabalho de correção e refacção dos relatos escritos pelos alunos. Nesse período, a ajuda dos bolsistas do Pídid foi de extrema importância, porque não só nos reuníamos para digitar, fazer a capa do livro, decidir o nome do livro com os alunos, como também estávamos organizando a culminância das atividades, que inicialmente seria só para as turmas 3001 e 3002.

Foram dias de trabalho, todavia o que trago no coração desses dias e que mais me marcou nesse processo foi quando percebi que duas alunas: uma da turma 3001 e a outra da turma 3002, que alisavam os cabelos, estavam usando tranças, em processo de transição do cabelo alisado para o crespo.

É claro, que durante as oficinas nunca fiz um movimento para que as alunas deixassem de alisar os cabelos, porque compreendendo que devemos usar o nosso cabelo do jeito que queremos e nos sentimos bem. Todavia, o que aconteceu naquele momento era uma motivação para as alunas conhecerem o seu próprio cabelo, pois alisavam desde pequenas.

Vale sinalizar, que o fim da sequência e o início da construção do livro ocorreu no final de outubro, de 2019, foi por isso que pensei em fazer a culminância das atividades na semana da Consciência Negra numa manhã aberta para comunidade escolar. Primeiro, conversei com os bolsistas, depois com a professora coordenadora do projeto e levei a proposta para direção, que prontamente abraçou o projeto.

Nessa perspectiva, de acordo com as competências 3 e 6 do Campo Artístico - Literário da Base Nacional Comum Curricular-BNCC, que propõe a “participação de eventos culturais e a socialização de obras de própria autoria”, aconteceu, no dia 22/11/2019, o primeiro evento a “A África está em nós”.

Na montagem do evento contei, com a orientação da professora Maria Betânia, a colaboração e participação dos bolsistas do PIBID/Letras e dos alunos da

turma 3001 e 3002, que também ajudaram a convidar pessoas; arrumar a escola; apresentar e organizar o evento.

Nesse dia, todos os professores liberaram suas turmas para participar do evento que tinha como objetivo comemorar o Dia da Consciência Negra. Nessa manhã aconteceram debates, oficinas de Yoga e turbantes, além de várias performances, como: capoeira, relatos, declamação de poemas, show musical e de apresentação de trabalhos de alunos de outras turmas, que envolviam a temática central. As turmas 3001 e 3002 lançaram a obra produzida por eles, intitulada *Mistura de Cores*. Agora, mostrarei alguns registros do que relatei anteriormente:

Figura 21 - Oficina 1 – Mediada pelo professor de história Adauto Tavares



Fonte: A autora, 2019.

Figura 22 - Oficina 5 com a turma 3001



Fonte: A autora, 2019.

Figura 23 - Oficina 5 com a turma 3002



Fonte: A autora, 2019.

Figura 24 - Construção da capa do livro, no refeitório da escola



Fonte: A autora, 2019.

Figura 27 - Folder de chamada do evento



Fonte: A autora, 2019.

Figura 28 - O evento “A África está em nós”



Fonte: A autora, 2019.

Figura 29 - Oficina de turbante



Fonte: A autora, 2019.

Figura 30 - Oficina de Yoga Kemetica



Fonte: A autora, 2019.

Figura 31 - Apresentação de capoeira



Fonte: A autora, 2019.

Figura 32 - Conversa sobre o conto
“Fios de Ouro”, de Conceição
Evaristo



Fonte: A autora, 2019.

Encerramos o ano letivo de 2019 muito satisfeitos com o resultado do evento, não só pela resposta positiva dos alunos, como também de toda equipe pedagógica.

2020 – Iniciamos o ano letivo com a pandemia provocada pela Covid-19 e ficamos afastados das aulas presenciais por dois anos. O retorno de maneira híbrida, no fim de 2021, nos apresentou uma grande evasão escolar e em momento algum pensamos em retomar os projetos escolares, apenas fizemos diversas buscas ativas para reencontrar nossos alunos.

2022 - Iniciamos o ano de forma presencial e acordamos na reunião pedagógica que não faríamos projetos, no primeiro bimestre. Dessa forma, todos os professores utilizariam o bimestre de sondagem e revisão dos conteúdos que percebem a necessidade de acordo com a realidade apresentada pelas turmas. Assim, somente no segundo bimestre começariam a trabalhar com os assuntos do ano letivo.

No final do segundo bimestre, durante uma conversa com o diretor da unidade escolar, Adauto Tavares, ele me perguntou se eu faria o evento “A África está em nós” no quarto bimestre. Prontamente eu disse que sim, foi nesse momento que a orientadora pedagógica, Eliane, me perguntou se eu também faria o evento no turno da tarde. Guardei esse questionamento para pensar com mais calma.

Vale destacar, que em abril de 2022, iniciei no Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS e apesar de não ser mais supervisora do PIBID/LETRAS, a professora Maria Betânia me acompanhava como professora e orientadora no mestrado. Nesse sentido, entrei em contato com ela para informar a respeito da segunda edição do evento. Ela me apoiou, continuou me orientando na construção do evento.

Quando retornarmos do recesso escolar, em agosto 2022, momento em que eu já estava montando a programação do evento, aceitei o convite feito pelo diretor geral, Adauto Tavares, para ser uma das professoras bolsistas do Laboratório de Relações Étnico-Raciais e de Gênero /Faperj, que começava atuar na escola sob a coordenação do professor de geografia, Mário Lago, da UERJ/FFP.

Vale lembrar, que já com o evento todo montado e convidados confirmados uma semana antes pensei em desistir, porque os alunos estavam faltando muito e escola estava cada vez mais vazia e foi conversando com a coordenadora Renata Oliveira, atualmente Diretora Adjunta da unidade escolar, que resolvi enfrentar o desafio e fazer a segunda edição do “A África está em nós”.

Assim, o evento aconteceu no dia 22 /11/2022, somente no turno da manhã. Nesse dia pude contar com o apoio da equipe do Laboratório de Relações Étnico-Raciais e de Gênero, os bolsistas do Prodocência de Literatura Negra no chão da escola, as estagiárias Diulli, Jéssica, que já tinham sido bolsistas da equipe PIBID, no período que fui supervisora e acompanharam a construção no “A África está nós”, primeira edição. Como mostraremos nas fotos abaixo:

Figura 33 - O evento “A África está em nós 2”.



Fonte: A autora, 2022.

Figura 34 - Roda de conversa com os alunos



Fonte: A autora, 2022.

Figura 35 - Apoio da direção da unidade



Fonte: A autora, 2022.

Figura 36 - Conversa com a equipe do laboratório



Fonte: A autora, 2022.

Figura 37 - O evento aconteceu no refeitório da escola



Fonte: A autora, 2022.

Figura 38 - Apresentação de capoeira



Fonte: A autora, 2022.

É importante ressaltar, que todo evento está sujeito a críticas e algumas observações de grande relevância foram levantadas ao final da segunda edição. Dentre elas, se é um evento aberto para toda comunidade escolar, por que não acontece no turno da tarde, no turno da noite? Por que não tem atividades para os professores, merendeiras?

2023 - Iniciei o ano letivo refletindo sobre esses questionamentos e pensando como faria para atender um público maior. Na primeira reunião da equipe de

linguagens me foi proposto fazer o evento em mais de um dia. As professoras presentes ofereceram apoio para evento acontecer. Nesse dia, foi acordado com as professoras de inglês Cláudia e Fernanda, que coordenam o “talent show” - evento que os alunos dançam e cantam em inglês - iria acontecer em uma manhã do “A África está em nós” e as professoras Caroline Sá e Roberta Alves também se comprometeram em assumir uma atividade. No fim da reunião, pré-agendamos o evento para os dias 21,22, 23 e 24 de novembro para fazer o evento.

A primeira reunião para montagem do evento aconteceu, em setembro de 2023. Estiveram presentes os bolsistas do Laboratório de Relações étnico-raciais e de gênero e o coordenador da equipe, professor Mário Lago; os bolsistas dos bolsistas do Prodocência de Literatura Negra no chão da escola e a coordenadora da equipe, professora Maria Betânia; a professora Dayane Couto, de geografia, e eu, Alessandra Moraes.

Dessa forma, o evento aconteceu em quatro dias nos três turnos. Nessa edição, fizemos várias reuniões de equipe. Então, para que ele acontecesse pude não só contar com a equipe do laboratório, que assumiu diversas responsabilidades na organização das atividades sob a orientação e supervisão do professor Mário Lago; como também continuar com apoio e credibilidade direção do colégio e da orientação da professora Maria Betânia. Porém, sobretudo, preciso destacar a importância da professora Dayane Couto, que assumiu a coordenação do evento ao meu lado e foi minha parceira em todos os momentos.

Além disso, conforme tinha sido acordado, as professoras Fernanda e Cláudia assumiram a manhã de quarta-feira e fizeram o “Talent Show”, com o tema “Black music” e as professoras Caroline Sá e Roberta Alves assumiram a manhã de quinta-feira com o apoio das turmas do terceiro ano do Ensino Médio e fizeram um Podcast na sala Maker, que foi transmitido ao vivo na página do Instagram da escola.

Nesse sentido, apresentarei no quadro abaixo como funcionaram as atividades na terceira edição do evento “A África está em nós”, nos dias 21,22, 23 e 24 de novembro de 2023:

Quadro 6 – Programação do evento “A África está em nós” III

	Terça-feira 21/11/2023	Quarta-feira 22/11/2023	Quinta-feira 23/11/2023	Sexta-feira 24/11/2023
Manhã	. Oficinas com os Bolsistas do Projeto Prodência, “Literatura de autoria negra no chão da escola”, coordenado pela prof. Maria Betânia A. Pereira - atividades para os discentes; . Cine clube com os Bolsistas do Laboratório de relações étnico-raciais, coordenado pelo prof. Mário Lago- atividade para os discentes; . Conversa sobre a Lei 10.639/2003 com prof. Denilson de Oliveira – atividade para os docentes.	. Apresentação de atabaques com prof. Walmir – atividade voltada para os docentes e discentes. . Talent show “Black music” – apresentação dos discentes para os docentes avaliarem.	. Podcast na sala maker, transmitido no Instagran da escola; . Vídeo da Maria Eduarda - estudante de Medicina da Usp ; . Roda de conversa com ex-alunos do CEMP, que estão na Universidade. . Apresentação da multiartista Ella Fernandes; . Todas as atividades voltadas para alunos e professores.	. Conversa sobre a Lei 10.639/2003 com os mestrandos Alberto Fraga, Armando Simbine; . Apresentação da bailarina Bia Barros; . Apresentação da bateria mirim da Viradouro; . Apresentação de trabalhos dos alunos do Ensino Médio; . Almoço - Feijoada . Todas as atividades voltadas para alunos e professores.
Tarde	. Conversa sobre a Lei 10.639/2003 com prof. Maria Betânia- atividade voltada para as merendeiras, e equipe de limpeza; . Conversa sobre a Lei 10.639/2003 com prof. Juliana- atividade para os docentes.	. Conversa sobre a Lei 10.639/2003 com prof. Patrícia Elaine – atividade voltada para os docentes. . Conversa sobre a Lei 10.639/2003 com Jenifer – atividade voltada para os discentes.		.Conversa sobre beleza negra com a ex-modelo e empreendedora Joyce Caetano; . Apresentação da peça teatral dos alunos da turma 801, baseada no livro “A bela adormecida do Samba”, de Sônia Rosa.
Noite	Oficina com Rede Pop UERJ/FFP - atividade para os discentes. Conversa sobre a Lei 10.639/2003 com prof. Camila Fogaça – atividade para os docentes.			

Fonte: A autora, 2023.

Figura 39 - Primeira reunião para o evento “A África está em nós III”



Fonte: A autora, 2023.

Figura 40 - Folder de chamada do evento criado pela professora Dayane



Fonte: A autora, 2023.

Figura 41 - Mural feito pelos alunos e professores do CEMP



Fonte: A autora, 2023.

Figura 42 - Organizadores do “A África está em nós III”



Fonte: A autora, 2023.

Figura 43 - Bolsista Isabele, palestrante Juliana, professoras Maria Betânia e Alessandra



Fonte: A autora, 2023.

Figura 44 - Equipe CEMP na palestra com a Professora Juliana



Fonte: A autora, 2023.

Figura 45 - Refeitório da Escola



Fonte: A autora, 2023.

Figura 46 - Professora Alessandra, palestrante Joyce, aluna Júlia e o diretor Adauto



Fonte: A autora, 2023.

Figura 47 - Professores Mário, Maria Betânia e Alessandra; Bolsistas Isabelle e Carlos com equipe CEMP



Fonte: A autora, 2023.

Figura 48 - Refeitório da escola



Fonte: A autora, 2023.

Figura 49 - Equipe CEMP Mestre de bateria da Viradouro



Fonte: A autora, 2023.

Figura 50 - Apresentação de dança das alunas



Fonte: A autora, 2023.

Figura 51 - Apresentação de poesias



Fonte: A autora, 2023.

Figura 52 - Apresentação do professor Walmir



Fonte: A autora, 2023.

Figura 53 - Professoras do CEMP e ex-alunos



Fonte: A autora, 2023.

Figura 54 - Roda de conversa com Jenifer



Fonte: A autora, 2023.

Figura 55 - Professoras Cláudia, Dayane, Fernanda e Alessandra



Fonte: A autora, 2023.

Figura 56 - Podcast com a professora Alessandra e alunos do CEMP



Fonte: A autora, 2023.

Figura 57 - Podcast com a professora Dayane e alunos do CEMP



Fonte: A autora, 2023.

Figura 58 - Alunos e professores no refeitório da escola



Fonte: A autora, 2023.

Figura 59 - Atividades do evento no turno da noite



Fonte: A autora, 2023.

Figura 60 - Professoras Roberta Alves, Dayane Couto, Luciene, do CEMP e Professora Simone UERJ/FFP



Fonte: A autora, 2023.

Figura 61 - Desfile dos alunos CEMP



Fonte: A autora, 2023.

Figura 62 - Apresentação Teatral dos alunos do 8 ano



Fonte: A autora, 2023.

Diante do exposto, é importante ressaltar, que embora minha trajetória de educadora antirracista tenha nascido de um desejo interno, enquanto mulher negra, mãe e professora; foi no diálogo entre a escola e a universidade que recebi o aprimoramento e o estímulo para desenvolver minha prática docente. Da especialização ao mestrado a parceria entre a Universidade e a escola pública, juntamente com o apoio da gestão escolar têm sido de grande relevância no tocante às ações desenvolvidas ao longo desses anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tomamos como suporte a lei 10.639/2003, que incluiu o Ensino de História, Cultura e Literatura Afro-brasileira, na Educação Básica e respaldados, não só nas reflexões trazidas a respeito do termo letramento racial da socióloga e mestre em Linguística aplicada Neide Almeida (2017), mas também no conceito de literatura afro-brasileira, proposto por Eduardo de Assis (2014), buscamos desenvolver atividades de leitura, que possibilitassem uma conversa sobre afro-brasilidade, tendo em vista a formação do cidadão.

Nessa perspectiva, objetivando estimular esse diálogo, nos apoiamos na concepção bakhtiniana da linguagem enquanto fenômeno social. Ademais, desejando refletir a respeito da construção da identidade negra, contamos com as discussões a respeito de identidade tecidas por Kalenge Munanga (2019), Nilma Lino Gomes (2017), Stuart Hall (2004) e para conduzir a prática pedagógica, nos baseamos na sequência didática expandida de Rildo Cosson (2007).

Dessa maneira, compreendendo que textos de escritores e escritoras negras, nos ajudariam a problematizar o texto literário em sala de aula e com isso estimularíamos o senso crítico dos discentes acerca das questões étnico-raciais, escolhemos as obras *A Bela Adormecida do Samba*, de Sônia Rosa; o texto “Tereza de Benguela”, do livro *Heroínas Negras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes e o conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, para desenvolver atividades de leitura com os estudantes do oitavo ano, respectivamente, 801 e 802.

Para fins desse estudo, visando unir a construção do saber ao lado socialmente engajado, almejando tornar o processo de letramento autônomo e crítico, foi desenvolvida uma pesquisa-ação, método proposto por Michell Thiollent, que busca solucionar um problema com a cooperação de todos envolvidos e com isso produzir conhecimentos como ferramentas de mudança.

Nesse sentido, buscando contribuir para uma educação antirracista, percebemos, que durante esse estudo, conseguimos colocar em prática as ações exigidas pela lei 10.639/2003, e através da literatura criar possibilidades para discutir sobre um problema de social, que são as situações de racismo do cotidiano, sobretudo no ambiente escolar.

Outrossim, a reflexão perpassa no processo de escravidão, uma vez que historicamente e politicamente está inscrito na realidade brasileira. Dessa forma, essa dissertação de mestrado procurou demonstrar ações necessárias, para conscientizar os alunos sobre a importante contribuição dos povos africanos para cultura e história do povo brasileiro.

Vale enfatizar, que a partir de um desejo pessoal o meu percurso foi se alongando com os diálogos estabelecidos entre a comunidade escolar e a universidade. Desse modo, durante o caminho enquanto pesquisadora, desde a especialização, me construindo e me formando no espaço da escola pública e no espaço acadêmico, que surgiu o evento “A África está em nós”, que fará a sua quarta edição, esse ano.

Diante disso, foi ao longo de seis anos, observando o chão da escola, no diálogo com a Universidade, alimentando os conhecimentos, que essas ações refletiram positivamente tanto na sala de aula, quanto em minha vida profissional. Todo passo firmado nessa trajetória culminou em minha defesa. Sendo assim, compreendo que avançamos bastante, porque é sempre no coletivo que as ações vão se estruturando e assim seguiremos fomentando, estimulando, instigando práticas antirracistas dentro e fora do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ALMEIDA, Neide A., Letramento racial: um desafio para todos nós. *Portal Geledés*, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-por-neide-de-almeida/?am=1>. Acesso em: 24 jun. 2023.

ARRAES, Jarid. *Heroínas Negras Brasileiras: em 15 cordéis*. 1 ed. São Paulo:Seguinte,2020.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador – introdução à pesquisa qualitativa*, São Paulo: Parábola, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CONCEIÇÃO, Simone Ribeiro; PEREIRA, Maria Betânia. Literatura de autoria feminina negra no chão da escola: impactos e produções. In: *Pensares em revista*, 2021.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2 ed. São Paulo: Contexto,2007.

DEBUS, Eliane. *A temática da Cultura Africana e Afro-Brasileira na literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Cortez, 2017.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis Afrodescendente*. 2 ed. Belo Horizonte: Pallas, 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura Afro-brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

ELIAS, Vanda; KOCH, Ingedore. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3 ed. São Paulo: Contexto,2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 33 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Nilma Lino, *Educação, identidade negra e formação de professores: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p.167-182, jan./jun. 2003.

GOMES, Nilma Lino, *O movimento negro educador*. Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

KILOMBA, GRADA. *Memórias da plantação*: episódios de racismo do cotidiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua*. Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MEC. *Lei 9394/96*, de 20 de dezembro de 1996. Presidência da República, Casa Civil, Brasília, 1996.

MEC. *Lei 10639/2003*, de 09 de janeiro de 2003. Presidência da República, Casa Civil, Brasília, 2003.

MEC. *Lei 12987/2014*, de 02 de junho de 2014. Presidência da República, Casa Civil, Brasília, 2014.

MOREIRA. Adílson. *Racismo Recreativo*. 1. Ed. São Paulo: Jandaíra, 2020.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude*: usos e sentidos. 4.Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. 1.ed: São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. 1.ed: São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

RODRIGUES, Joyce Maria, A relação do corpo para a construção da identidade negra. In: FELINTO, Renata. (Org). *Culturas Africanas e Afro – brasileiras em sala de aula*: saberes para os professores fazeres para os alunos. 1.ed. Belo Horizonte, Minas Gerais: Fino Traço, 2012.

ROJO, Roxane. *Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social*. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2009.

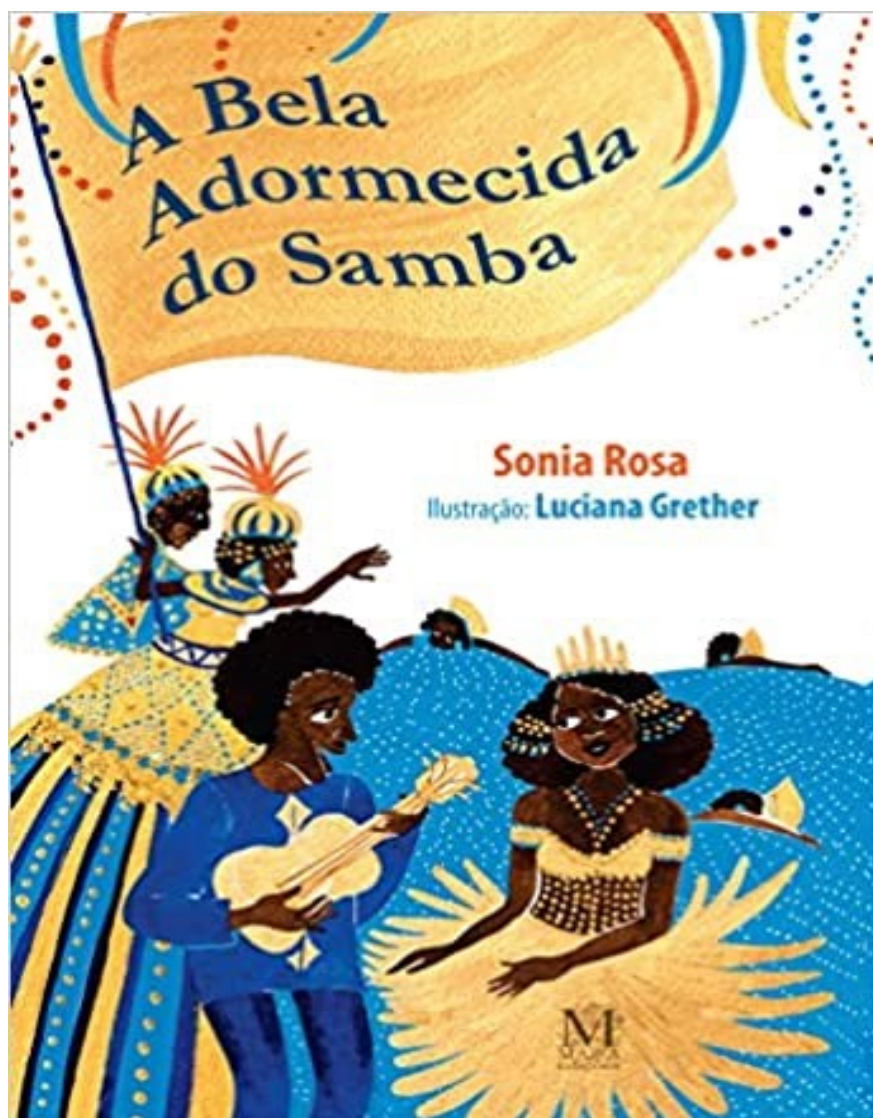
ROSA, Sonia. *A bela adormecida do samba*. Belo Horizonte: Mazza, 2021.

SANTANA, Bianca. *Quando me descobri negra*. 2.ed. São Paulo: SESI – SP, 2018.

SOUZA, Maria Elena. (Org). *Relações Raciais no Cotidiano Escolar*: Diálogos com a Lei n. 10.639/2003. 2. ed. Rio de Janeiro: Rovellet, 2009.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-ação*. 14 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

ANEXO A - Capa do livro *A Bela Adormecida do Samba*, Sônia Rosa



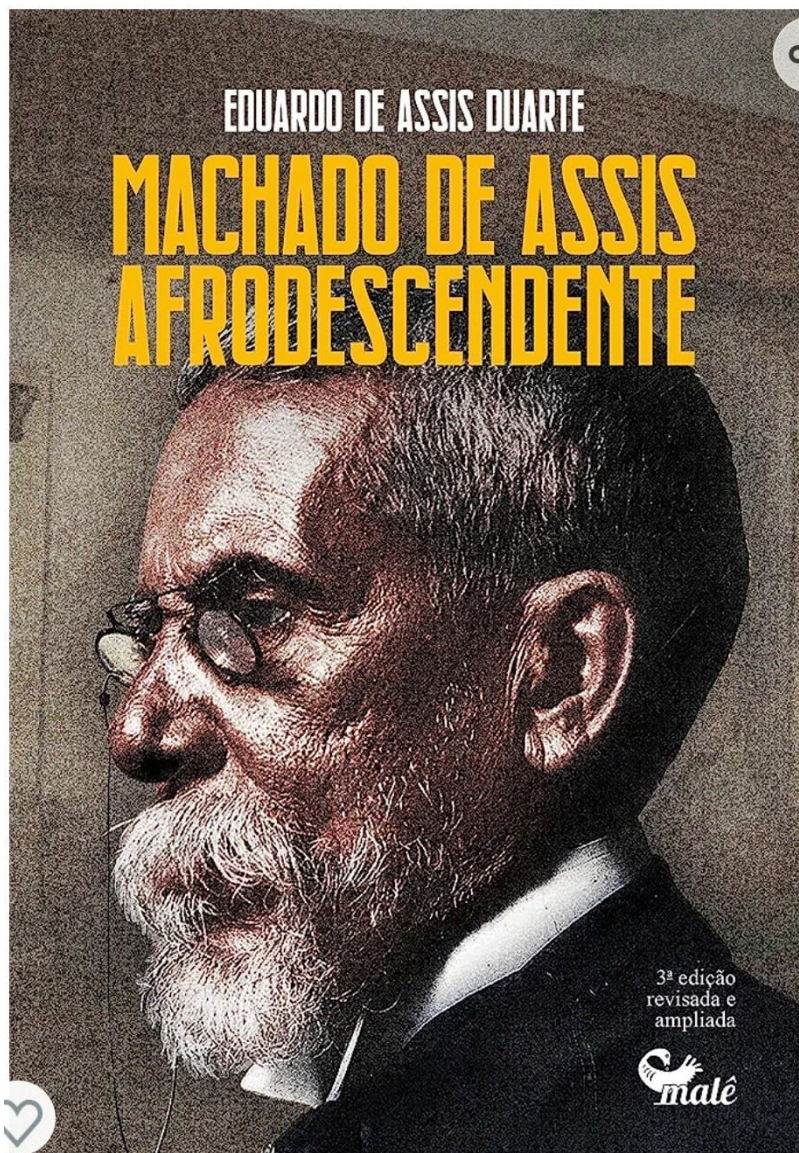
Fonte: <https://www.amazon.com.br/>

ANEXO B - Capa do livro *Heroínas Negras*, Jarid Arraes



Fonte: <https://www.amazon.com.br/>

ANEXO C - Capa do livro *Machado Afrodescendente*, Eduardo de Assis Duarte



Fonte: <https://www.amazon.com.br/>

ANEXO D - Capa do livro *Quando me descobri negra*, Bianca Santana



Fonte: <https://www.amazon.com.br/>

ANEXO E - Letra da música da oficina 7Minha Rapunzel tem Dread

Mc Soffia

Num conto de fadas a Rapunzel joga suas tranças

Na minha história, ela tem dread e é africana

Agora vou contar o meu conto para vocês

Como todas as histórias começa com era uma vez

Era uma vez uma princesa Rastafari que nasceu no reino de Sabá

Na minha história quem disse que a bruxa é má?

Meninas unidas pode tudo mudar

Aqui inimiga não vai rolar

Ah, é, não vai rolar

Aqui inimiga não vai rolar

Hum, hum, não vai rolar

Aqui inimiga não vai rolar

Hum, hum, não vai rolar

Aqui inimiga não vai rolar

Ahn, ahn, não vai rolar

Na minha história a Rapunzel tem dread
Ela é negra e é Rastafari
Não precisa de um príncipe pra se salvar
Ela é empoderada e pode tudo conquistar

O seu cabelo dread tinha força e poder
Sua beleza africana não tinha o que dizer
Essa história eu inventei porque não vi princesa assim
Só me mostraram uma, ai isso não dá pra mim

Princesa Etiópia, esse nome eu batizei
País que desfruta tudo que eu pesquisei
Estou muito feliz de ver a história acontecer
Crie uma princesa que pareça com você

Cri-Cri-Crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você
Cri-Cri-Crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você
Cri-Cri-Crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você

Aqui inimiga não vai rolaar

Ah, ah, não vai rolar

Aqui inimiga não vai rolar

Hum, hum, não vai rolar

Aqui inimiga não vai rolar

Não, hum, não vai rolar

Aqui inimiga não vai rolar

Hum, hum, não vai rolar

Na minha história a Rapunzel tem dread

Ela é negra e é Rastafari

Não precisa de um príncipe para se salvar

Ela é empoderada e pode o mundo conquistar

O seu cabelo dread tinha força e poder

Sua beleza africana não tinha o que dizer

Essa história eu inventei porque não vi princesa assim

Só me mostraram uma, ai isso não dá pra mim

Princesa Etiópia, esse nome eu batizei

País que desfruta tudo o que eu pesquisei

Estou muito feliz de ver a história acontecer

Crie uma princesa que pareça com você

Cri-Cri-Crie uma princesa que pareça com você

Crie uma princesa que pareça com você

Cri-Cri-Crie uma princesa que pareça com você

Crie uma princesa que pareça com você

Link: <https://www.letras.mus.br/mc-soffia/minha-apunzel-de-dread>

ANEXO F - Texto Pai contra mãe, Machado de Assis**Pai contra mãe****Machado de Assis**

A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente", - ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

Cândido Neves, – em família, Candinho, – é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás já tomara algumas lições. Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito.

Contava trinta anos. Clara vinte e dois. Ela era órfã, morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco, mas os namorados apenas queriam matar o tempo; não tinham outro empenho. Passavam às tardes, olhavam muito para ela, ela para eles, até que a noite a fazia recolher para a costura. O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe acendia desejos. Talvez nem soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era, como lhe dizia a tia, um pescar de caniço, a ver se o peixe pegava, mas o peixe passava de longe; algum que parasse, era só para andar à roda da isca, mirá-la, cheirá-la, deixá-la e ir a outras.

O amor traz sobrescritos. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi - para lembrar o primeiro ofício do namorado, - tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado. O casamento fez-se onze meses depois, e foi a mais bela festa das relações dos noivos. Amigas de Clara, menos por amizade que por inveja, tentaram arredá-la do passo que ia dar. Não negavam a gentileza do noivo, nem o amor que lhe tinha, nem ainda algumas virtudes; diziam que era dado em demasia a patuscadas.

– Pois ainda bem, replicava a noiva; ao menos, não caso com defunto.

– Não, defunto não; mas é que...

Não diziam o que era. Tia Mônica, depois do casamento, na casa pobre onde eles se foram abrigar, falou-lhes uma vez nos filhos possíveis. Eles queriam um, um só, embora viesse agravar a necessidade.

– Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha.

– Nossa Senhora nos dará de comer, acudiu Clara.

Tia Mônica devia ter-lhes feito a advertência, ou ameaça, quando ele lhe foi pedir a mão da moça; mas também ela era amiga de patuscadas, e o casamento seria uma festa, como foi.

A alegria era comum aos três. O casal ria a propósito de tudo. Os mesmos nomes eram objeto de trocados, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas davam que rir, e o riso digeriu-se sem esforço. Ela cosia agora mais, ele saía a empreitadas de uma cousa e outra; não tinha emprego certo.

Nem por isso abriam mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo específico, deixava-se estar escondido na eternidade. Um dia, porém, deu sinal de si a criança; varão ou fêmea, era o fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada ventura. Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos.

– Deus nos há de ajudar, titia, insistia a futura mãe.

A notícia correu de vizinha a vizinha. Não houve mais que espreitar a aurora do dia grande. A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que, além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da criança. À força de pensar nela, vivia já com ela, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas. A porção era escassa, os intervalos longos. Tia Mônica ajudava, é certo, ainda que de má vontade.

– Vocês verão a triste vida, suspirava ela.

– Mas as outras crianças não nascem também? perguntou Clara.

– Nascem, e acham sempre alguma cousa certa que comer, ainda que pouco...

– Certa como?

– Certa, um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que aí vem gasta o tempo?

Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer.

– A senhora ainda não jejuou senão pela semana santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau...

– Bem sei, mas somos três.

– Seremos quatro.

– Não é a mesma coisa.

– Que quer então que eu faça, além do que faço?

– Alguma coisa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armarinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém.

– Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo.

Tinha glória nisto, falava da esperança como de capital seguro. Daí a pouco ria, e fazia rir à tia, que era naturalmente alegre, e previa uma patuscada no batizado.

Cândido Neves perdera já o ofício de entalhador, como abrira mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a agilidade também. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de cousas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso. Não o apanhava logo, espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os vencia sem o menor arranhão.

Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como dantes, meter-se nas mãos de Cândido Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o

negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor. Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelo alugueis.

Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa ao marido, tanta era a necessidade de coser para fora. Tia Mônica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando ele chegava à tarde, via-se-lhe pela cara que não trazia vintém. Jantava e saía outra vez, à cata de algum fugido. Já lhe sucedia, ainda que raro, enganar-se de pessoa, e pegar em escravo fiel que ia a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez capturou um preto livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande soma de murros que lhe deram os parentes do homem.

– É o que lhe faltava! exclamou a tia Mônica, ao vê-lo entrar, e depois de ouvir narrar o equívoco e suas consequências. Deixei-se disso, Candinho; procure outra vida, outro emprego.

Cândido quisera efetivamente fazer outra coisa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa.

A natureza ia andando, o feto crescia, até fazer-se pesado à mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo mês, mês de angústias e necessidades, menos ainda que o nono, cuja narração dispenso também. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não podiam ser mais amargos.

– Não, tia Mônica! bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever, quanto mais ao pai ouvi-lo. Isso nunca!

Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos enjeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dous jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar quê? enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa

de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente. Clara interveio.

– Titia não fala por mal, Candinho.

– Por mal? replicou tia Mônica. Por mal ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à míngua. Enfim...

Tia Mônica terminou a frase com um gesto de ombros, deu as costas e foi meter-se na alcova. Tinha já insinuado aquela solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal franqueza e calor, – crueldade, se preferes. Clara estendeu a mão ao marido, como a amparar-lhe o ânimo; Cândido Neves fez uma careta, e chamou maluca à tia, em voz baixa. A ternura dos dois foi interrompida por alguém que batia à porta da rua.

– Quem é? perguntou o marido.

– Sou eu.

Era o dono da casa, credor de três meses de aluguel, que vinha em pessoa ameaçar o inquilino. Este quis que ele entrasse.

– Não é preciso...

– Faça favor.

O credor entrou e recusou sentar-se; deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os aluguéis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir.

Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.

– Cinco dias ou rua! repetiu, metendo a mão no ferrolho da porta e saindo.

Candinho saiu por outro lado. Nesses lances não chegava nunca ao desespero, contava com algum empréstimo, não sabia como nem onde, mas contava. Demais, recorreu aos anúncios. Achou vários, alguns já velhos, mas em vão os buscava desde muito. Gastou algumas horas sem proveito, e tornou para casa. Ao fim de quatro dias, não achou recursos; lançou mão de empenhos, foi a pessoas amigas do proprietário, não alcançando mais que a ordem de mudança.

A situação era aguda. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; era ir para a rua. Não contavam com a tia. Tia Mônica teve arte de alcançar aposento para os três em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pátio. Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dous, para que Cândido Neves, no desespero da crise começasse por enjeitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida, em suma. Ouvia as queixas de Clara, sem as repetir, é certo, mas sem as consolar. No dia em que fossem obrigados a deixar a casa, fá-los-ia espantar com a notícia do obséquio e iriam dormir melhor do que cuidassem.

Assim sucedeu. Postos fora da casa, passaram ao aposento de favor, e dous dias depois nasceu a criança. A alegria do pai foi enorme, e a tristeza também. Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda. "Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à Rua dos Barbons." Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda na noite seguinte.

Naquela reviu todas as suas notas de escravos fugidos. As gratificações pela maior parte eram promessas; algumas traziam a soma escrita e escassa. Uma, porém, subia a cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Cândido Neves andara a pesquisá-la sem melhor fortuna, e abrira mão do

negócio; imaginou que algum amante da escrava a houvesse recolhido. Agora, porém, a vista nova da quantia e a necessidade dela animaram Cândido Neves a fazer um grande esforço derradeiro. Saiu de manhã a ver e indagar pela Rua e Largo da Carioca, Rua do Parto e da Ajuda, onde ela parecia andar, segundo o anúncio. Não a achou; apenas um farmacêutico da Rua da Ajuda se lembrava de ter vendido uma onça de qualquer droga, três dias antes, à pessoa que tinha os sinais indicados. Cândido Neves parecia falar como dono da escrava, e agradeceu cortesmente a notícia. Não foi mais feliz com outros fugidos de gratificação incerta ou barata.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjara de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior a miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da Rua dos Barbonos.

Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é que o agasalhava muito, que o beijava, que cobria o rosto para preservá-lo do sereno. Ao entrar na Rua da Guarda Velha, Cândido Neves começou a afrouxar o passo.

– Hei de entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele.

Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à Rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do Largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também; a poucos passos estava a

farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta.

– Mas...

Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarma. No extremo da rua, quando ela ia a descer a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona.

– Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

– Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!

– Siga! repetiu Cândido Neves.

– Me solte!

– Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites, – coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoites.

– Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? perguntou Cândido Neves.

Não estava em maré de riso, por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele. Também é certo que não costumava dizer grandes cousas. Foi arrastando a escrava pela Rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que devera. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

– Aqui está a fujona, disse Cândido Neves.

– É ela mesma.

– Meu senhor!

– Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre.

Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, e ambos entraram. O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enjeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de

gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

– Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.

(In: *Obra completa*, 1992, vol. II, p. 659-667)

Link: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/793-machado-de-assis-pai-contra-mae>